



**PUC Minas**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA – IEC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA  
RELIGIÃO – PPGCR**

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DAS MULHERES EM  
SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO:**

*Uma abordagem de gênero*

Lúcia Alves da Cunha

Belo Horizonte  
2010

Lúcia Alves da Cunha

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA DAS MULHERES EM  
SITUAÇÃO DE PROSTITUIÇÃO:**

*Uma abordagem de gênero*

Monografia apresentada ao  
Instituto de Educação  
Continuada – IEC da Pontifícia  
Universidade Católica de Minas  
Gerais sobre a orientação da  
professora Anete Roese

Belo Horizonte

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. A PROSTITUIÇÃO: UM FENÔMENO SOCIAL.....	5
2.1 A prostituição no decorrer da história .....	5
2.1.1 Na Mesopotâmia .....	5
2.1.2 Na Grécia antiga.....	7
2.1.3 Na antiga Roma.....	9
2.2 Na tradição cristã.....	10
2.3 A prostituição na região metropolitana de Belo Horizonte.....	12
2.3.1 Sistema de prostituição em Belo Horizonte.....	14
2.3.2 Contexto familiar das mulheres.....	17
2.3.3 Contexto religioso das mulheres .....	18
2.4 Atuação da Pastoral da Mulher.....	20
2.4.1 Desafios da Pastoral da Mulher.....	21
2.4.2 Resultados do trabalho da Pastoral da Mulher .....	23
3. PROSTITUIÇÃO E RELIGIOSIDADE: pesquisa empírica.....	25
3.1 Religião e igreja.....	35
3.1.1 O trânsito religioso.....	35
3.1.2 Experiência das mulheres nas igrejas evangélicas.....	36
3.1.3 Experiência das mulheres na igreja Católica.....	39
3.1.4 Experiência religiosa das mulheres.....	40
3.2 Experiência e busca de Deus.....	41
3.2.1 Imagem de Deus.....	43
3.2.2 Deus: suporte e esperança.....	43
3.3 Dignidade e auto-estima .....	44
3.3.1 Família .....	48
3.3.2 Economia e autosustento.....	49
3.3.3 Autopreservação e individualidade .....	49
4. ANÁLISE CRÍTICA DA PROSTITUIÇÃO SOBRE A ÓTICA DE GÊNERO.....	52
4.1 Gênero: o que é? .....	52
4.1.1 Gênero e religião.....	54
4.2 A influência de Eva e Maria para as mulheres cristãs.....	55
4.2.1 Raab e Tamar: prostitutas? .....	57
4.2.2 Maria Madalena, a mulher que ungiu Jesus.....	58
4.3 O corpo: templo de Deus.....	60
4.3.1 Prostituição: liberdade e autonomia ou dominação e discriminação?.....	61
4.4 Violência de gênero na prostituição.....	62
CONCLUSÃO .....	63
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXOS.....	

## 1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa pretendo investigar a experiência religiosa das mulheres que exercem a prostituição na região metropolitana de Belo Horizonte. Procuo compreender a influência da religião em suas vidas e o motivo pelo qual buscam mais as igrejas evangélicas, especialmente a Universal do Reino de Deus e a Deus é Amor. Porém a experiência religiosa destas mulheres parece ir além da participação nas igrejas; a fé e a relação com Deus são mais importantes. Nesta investigação procuro compreender porque isso acontece e quem é Deus na vida daquelas mulheres.

No primeiro capítulo apresento uma breve síntese histórica da prostituição com vista a facilitar sua compreensão como um fenômeno social permanente e atual. Pode-se perceber que nesta parte o termo “prostitutas” é usado em referência às mulheres, como foi utilizado pelo(as) autores(as). Em seguida é utilizado o termo “mulher em situação de prostituição”, por compreendermos que a mulher não “é prostituta”, mas “está vivendo uma situação de”. Ainda neste capítulo faço uma contextualização da prostituição em Belo Horizonte, especialmente da realidade das mulheres que atuam no hipercentro da cidade, hotéis e praças. Apresento breve relato do contexto social, religioso e familiar dessas mulheres e a atuação da Associação da Pastoral da Mulher Marginalizada, nome jurídico da associação da qual participo, mas que durante a pesquisa será referida apenas como Pastoral da Mulher, denominação pela qual é mais conhecida.

No segundo capítulo trato da pesquisa empírica, na qual apresento uma síntese das entrevistas realizadas com dez mulheres que exercem a prostituição e são atendidas pela Pastoral da Mulher. Em seguida divido esta síntese em categorias de análise para serem aprofundadas e fundamentadas com a utilização de estudos de autores(as) e pesquisadores(as) de temas afins.

No terceiro capítulo faço uma análise da prostituição sob a ótica de gênero. Procuo: aprofundar as relações de gênero na religião cristã, especialmente a sua influência na forma de as mulheres viverem a sua fé e relação com as igrejas; compreender de maneira mais precisa a interpretação feita pelo cristianismo e repassada aos cristãos e às cristãs, especialmente a interpretação das três mulheres bíblicas: Eva, Maria e Maria Madalena; questionar se essa interpretação contribuiu ou não para a libertação e a autonomia das mulheres.

## 2 PROSTITUIÇÃO: UM FENÔMENO SOCIAL

### 2.1 A prostituição no decorrer da história

Para analisar a influência da religião nas vidas das mulheres em situação de prostituição, antes é necessário contextualizar essa temática na história e em Belo Horizonte, onde se deu o estudo.

O termo prostituição vem do latim *prostituere*; “colocar diante”, “à frente”, “expor aos olhos”. Tratando-se a prostituição como fenômeno eminentemente social, nota-se que a representação da mulher em situação de prostituição sofre modificações no decorrer da história e nas diferentes culturas. No ocidente nem sempre ela foi acompanhada de estigma. Nas sociedades em que a família não era monogâmica o sexo era encarado de forma bem diferente da época atual e, portanto, não havia prostituição. “Já em algumas civilizações tratava-se de um ritual de passagem praticado pelas meninas ao atingirem a puberdade; em outras os homens iniciavam sexualmente as jovens em troca de presentes”.(Ceccarelli, 2008). Esta afirmação nos causa estranhamento se a consideramos sob a ótica atual, por isso neste capítulo apresentarei um breve histórico da prostituição nos diferentes lugares e momentos da história, para facilitar a compreensão do fenômeno na atualidade.

#### 2.1.1 Na Mesopotâmia

Algumas formas de prostituição foram vinculadas a divindades nas primeiras civilizações. Na Pré-História a mulher era considerada a criadora da força da vida. “Era adorada como a Grande Deusa e como tal estava no centro de toda a atividade social”. (ROBERTS, 1992, p.19). Naquela cultura as mulheres eram mais participantes do que os homens. Ocupavam posições poderosas, eram autônomas e desinibidas em suas expressões sexuais. Na época pré-histórica o sistema de sociedade era matriarcal, a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, vindas da mesma fonte, a deusa. “O sexo era sagrado por definição e as sacerdotisas xamânicas lideravam rituais de sexo grupal em que toda a

comunidade participava, compartilhando uma união extática com a força da vida”. (ROBERTS, 1992, p.21).

A prostituição sagrada era a tradição do rito sexual que existiu desde a Idade da Pedra e foi parte integrante da adoração religiosa nas primeiras civilizações.

No entanto, a cultura da deusa não pôde desenvolver-se tranquilamente. Por volta do ano 3.000 a.C. tribos guerreiras masculinas começaram a invadir territórios matriarcais, impondo o seu poder. Novas formas de casamentos foram inseridas com o objetivo de controlar a sexualidade das mulheres. Deuses masculinos foram introduzidos para competir com a deusa, como também governantes homens criavam novas leis, restringindo cada vez mais a esfera de atuação das mulheres e seus direitos na sociedade. Foi em 2.000 a.C. que a prostituição sagrada tornou-se visível e foi registrada pela primeira vez na história. A prostituição sagrada era uma tradição do ritual sexual da Idade da Pedra e parte integrante da adoração religiosa nas primeiras civilizações. A Mesopotâmia e o Egito eram cidades centralizadas nos templos onde era cultuada a deusa. A deusa era adorada através de ritos sexuais e essa prática permaneceu até a destruição do poder das sacerdotisas.

Um poema escrito na Suméria, sul da Mesopotâmia, por volta do ano de 2.000 a.C., Épico de Gilgameshe, demonstra que as primeiras prostitutas não eram estigmatizadas como atualmente. Além de conhecidas como sagradas, seu ofício era considerado também civilizador.

Na Babilônia havia uma hierarquia das prostitutas do templo que refletia uma ampla e variada extensão de funções e especialidades. Havia cantoras, instrumentistas e dançarinas. Um grupo trabalhava no interior do templo e outros fora dele, nas ruas. *Entu* e *Naditu* eram sacerdotisas de posição mais elevada, as *Ishtaritu* dedicavam-se aos serviços da deusa Ishtar e as *Haritu* eram aparentemente escravas. As últimas também representavam a deusa, mas sob controle dos dirigentes e sacerdotes do templo. Elas trabalhavam fora dos templos. Foram as primeiras prostitutas de rua atuando independentes, em sistema comercial; mas mesmo assim, no exercício do seu ofício persistia a ligação entre sexo e religião. Elas também eram consideradas mulheres sagradas, protegidas pela deusa Ishtar.<sup>1</sup>

No Egito antigo as prostitutas foram rebaixadas de seus antigos papéis de posição elevada, na medida em que os homens foram consolidando-se no poder. Elas foram expulsas dos templos e formaram grupos de dançarinas e instrumentistas que viajavam pelo mundo fazendo apresentações em festivais religiosos e sociais.

---

<sup>1</sup> Ishtar era chamada a grande deusa Har, considerada a mãe das prostitutas.

A divisão das mulheres entre esposas e prostitutas é tão antiga quanto a história patriarcal. Aconteceu na antiga Suméria, por volta de 2.000 a.C., assim que as instituições religiosas e políticas masculinas foram se fortalecendo e os maridos passaram a ser donos das esposas e dos filhos, criando uma distância ainda maior entre as esposas e as prostitutas. As leis que regiam as prostitutas tornaram-se mais severas.

Os assírios, em 1.100 a.C., criaram as primeiras leis sobre os trajés das prostitutas; elas foram orientadas a usar roupas de couro para chamar a atenção e proibidas de usar véu, uso este reservado à esposa como símbolo de submissão ao marido. As prostitutas que transgredissem a lei seriam punidas. Mas o que se conclui desse período é que “durante toda a história da Mesopotâmia e do antigo Egito, o sexo era ainda considerado, em grande extensão, sagrado, e, apesar das leis, não havia moralidade puritana para estigmatizar as mulheres que decidiam se sustentar vendendo sexo”. (ROBERTS, 1992, p.28).

Entre 1.300 e 1.200 a.C. os chefes militares e os religiosos levíticos, líderes das tribos dos hebreus, invadiram a terra fértil da adorada deusa de Canaã e nela se estabeleceram. Eles compreendiam que pai-deus-Yahweh era vingativo com a prostituição. Não deveriam adorar a deusa e tentavam suprimi-la. Houve uma forte pressão para implantarem nas mentes do povo o pai-deus.

Os sacerdotes hebreus consideravam a adoração à deusa como prostituição, em sentido pejorativo. Além disso, os profetas afirmavam que toda mulher deveria ser publicamente designada como propriedade do pai ou do marido e assim desenvolveu-se a moralidade sexual para as mulheres. A autonomia sexual das mulheres passou a ser o início do mal. Assim, as prostitutas passaram a ser consideradas a incorporação do mal. Os ritos sexuais da deusa, que tinham cunho religioso, passaram a ser considerados pecado, e as sacerdotisas pecadoras.

### **2.1.2 Na Grécia antiga**

No século V a.C. a Grécia era uma sociedade organizada em classes dominadas por homens, donos de escravos, que governavam cidades-estados.

Os homens ricos da época tinham acesso a uma variedade de serviços sexuais, abertamente e sem causar constrangimento ou estigma social. “Havia prostitutas do templo, cortesãs da classe alta, dançarinas-prostitutas, meretrizes, escravas de bordel [...] disponíveis ao serviço de meninos adolescentes, concubinas escravas, domésticas [...]”. (ROBERTS,

1992, p.32). Enquanto isso, para as mulheres da antiga Atenas acontecia o contrário. Eram servidoras, provedoras, trabalhadoras e controladas por homens. Na sociedade controlada por homens, mulheres não podiam ser donas de propriedades; a elas era negado todo poder. O responsável pelo estabelecimento e institucionalização dos papéis da mulher na sociedade grega foi Sólon, que governou Atenas no século VI a.C.

Um aspecto fundamental do governo de Sólon foi a organização da estrutura familiar. Também introduziu um amplo programa de leis com o objetivo de regulamentar o lugar de todas as mulheres na sociedade ateniense e, é óbvio, dentro dos padrões do patriarcado, dividindo-as em “boas” e “o resto”. Em sua opinião, ou eram esposas ou eram prostitutas.

A prostituição secular começou a se expandir em Atenas de forma inesperada. Sólon, percebendo o lucro conseguido pelas mulheres prostitutas, decidiu ele mesmo organizar o negócio e o resultado foi a expansão de bordéis oficiais, administrados pelo Estado. Construiu um luxuoso templo em honra a Afrodite, a deusa grega do amor, um paraíso para clientes atenienses.

As mulheres que trabalhavam nos bordéis do Estado eram as chamadas *deikteriades*. Eram mulheres cativas de guerras asiáticas e mais tarde também mulheres compradas no mercado público e colocadas em bordéis do Estado. Viviam em condições precárias de moradia, em espaços semelhantes a celas. Os salários das prostitutas, registrados pelo Estado, eram pagos a um funcionário homem que administrava o bordel. As *deikteriades* eram consideradas pelos atenienses, “públicas e disponíveis para todos”. Os homens conseguiram enormes fortunas com os serviços sexuais dessas mulheres, o que deu origem à cafetinagem estatal e privada.

Muitas meretrizes exerciam o seu comércio paralelamente ao Estado. Organizavam-se em um grupo, geralmente coordenado por uma mulher mais velha, a cafetina, e se tornavam independentes,

Havia, ao mesmo tempo, outra forma de prostituição: a prostituição religiosa. Esta prostituição acontecia especialmente em Corinto, onde o templo era dedicado à deusa Afrodite, e onde viviam mais de mil prostitutas “sagradas”, as *hieroduli*. Consideradas sagradas encarnações de Afrodite, eram respeitadas pela sociedade, população e governantes, por chamarem o amor, o êxtase e a fertilidade. Ofereciam serviços sexuais em épocas especiais. Não eram sacerdotisas. Eram escravas, mas por serem consideradas criadas da deusa, mantinham a aura de sacralidade. Como as *deikteriades*, eram também compradas para o templo, não por cidadãos do Estado, mas por homens ricos que as ofereciam a Afrodite em troca de um favor.



A ilha grega de Chipre era conhecida por sua associação com Afrodite. As suas mais reconhecidas mulheres eram as *hetairae*, termo este que significa “companheira dos homens”. Prostitutas de elite, famosas pelo intelecto, pela beleza e habilidade em serviços sexuais. Essas cortesãs eram mulheres livres, espertas, inteligentes, articuladas e inseridas. As únicas que podiam administrar seus próprios negócios e tinham liberdade de ir e vir pelas ruas a qualquer hora. Possuíam livre acesso à vida pública grega. Assistiam a peças teatrais, cerimônias e discursos, ou seja, frequentavam espaços que a outras mulheres da época não frequentavam. Eram amantes de artistas, poetas e estadistas gregos.

Sólon obteve sucesso em suas tentativas de expulsar as mulheres e institucionalizar a divisão “boa mulher” / “má mulher”. Enquanto as esposas dos cidadãos atenienses viviam como prisioneiras e dependentes dos seus maridos, as mulheres pobres e as escravas formavam a grande indústria do sexo, regulamentada pelo Estado ateniense. Foi nessa época que os filósofos e escritores de Atenas criaram o dualismo sexual “moral”, associando as coisas ruins às mulheres e as boas aos homens.

O que se pode entender, então, é que na Grécia antiga havia várias categorias de mulheres que sobreviviam da prostituição. A prostituição era um meio de subsistência como qualquer outro e era controlada pelo Estado. As mulheres prostitutas pagavam altos tributos e se vestiam de modo a serem identificadas. A prostituição não tinha a conotação que tem atualmente, embora a exploração já existisse.

### **2.1.3 Na Roma antiga**

A Roma antiga é a segunda grande civilização clássica que despertou o interesse dos intelectuais ocidentais. “Desde a minúscula cidade-estado do século VIII a.C., a sociedade e a cultura romanas cativaram os escritores e acadêmicos que registraram sua história”. (ROBERTS, 1992, p.60).

A prostituição tem uma longa história na antiga Roma. Era considerada profissão aceita naturalmente e sem constrangimento para as mulheres trabalhadoras. Não havia estigma.

Ali também as prostitutas formavam a classe escrava que, assim como os criados, suportavam o assédio dos excessos sexuais de seus donos. O estupro e o abuso sexual faziam parte da vida de mulheres e rapazes. Para escapar dessa situação, o recurso habitual era a fuga

para trabalhar nas ruas e bordéis como prostitutas e prostitutas, onde pelo menos recebiam pelos serviços prestados.

De certa forma as atitudes dos romanos com relação à prostituição eram semelhantes, em alguns aspectos, às dos antigos gregos. Os homens justificavam sua frequência aos bordéis dizendo que a prostituição protegia seus próprios casamentos. Mais uma vez a prostituição aparece atrelada ao casamento.

Os romanos não possuíam bordéis estatais como os gregos, mas foram os primeiros a introduzir na Europa o registro de prostituta de classe pobre. Para isso dividiram as prostitutas em duas categorias: *meretrices*, as registradas e *prostibulae*, as não registradas. Entre estas prostitutas pobres havia ainda outras subdivisões, de acordo com seus talentos.

Em Roma todas as prostitutas pobres tinham que usar trajes que as diferenciavam das demais mulheres. Elas podiam ser vistas em toda parte da cidade, a qualquer hora do dia como à noite.

A prostituição na Roma antiga, segundo historiadores, não possuía cunho religioso, mas alguns documentos relatam que a prostituição estava ligada à adoração à deusa Vênus, que era considerada protetora das prostitutas. “Os templos de Vênus eram escolas de instrução em técnicas sexuais, sobre tutela das *venerii* ou prostitutas-sacerdotisas que ensinavam um caminho sexual e espiritual” (ROBERTS, 1992, p.67).

Como na antiga Grécia, as prostitutas romanas também criaram sua própria cultura singular e diversa, desprezando a condição subordinada, preferindo viver a autonomia sexual, não pertencendo a nenhum homem. Orgulhavam-se de sua beleza e independência e se reconheciam como mulheres livres.

Na antiga Roma a prostituição e a sexualidade eram aceitas, abertamente demonstradas, exploradas, debatidas e homenageadas. Não havia constrangimento ou estigma por parte dos compradores ou vendedores dos serviços sexuais.

## **2.2 Na tradição cristã**

O império romano enfraqueceu durante o século V d.C. devido a guerras, crises econômicas e rebeliões de escravos e camponeses, abrindo assim a fronteira para os povos germânicos. Foram séculos de caos social. Para as prostitutas poderia ter sido uma mudança catastrófica, pois a profissão a que se dedicavam começa a desaparecer em ritmo acelerado. Ainda assim construíram uma maneira de sobrevivência nestas circunstâncias.

Depois da queda de Roma a igreja cristã continuou intacta e influenciou na forma de conceber a sexualidade ocidental, principalmente para as mulheres. “O cristianismo assumiu a desconfiança dos judeus em relação às mulheres e acrescentou suas próprias repressões em sua interpretação rígida dos costumes hebreus” (Apud. ROBERTS, 1992, p.85).

A negação da sexualidade por parte da Igreja passou de um líder a outro, sucessivamente, homens que eram de cultura patriarcal.

Para implantar suas políticas antissexuais a Igreja tinha que organizar a própria casa, por isso reforçou o celibato para os padres.

A religião cristã foi intolerante com relação às mulheres prostitutas. Houve época na história em que era permitido persegui-las, torturá-las e puni-las. Novamente as mulheres foram separadas em ‘boas’ e as ‘más’.

A prostituição não era aceita na cultura judaica. “A lei mosaica previa sanções severas aos praticantes, inclusive pena de morte.”(Ceccarelli, 2008). A tradição cristã herdou da cultura judaica a forma de conceber a prostituição. Na prática, havia certa tolerância, mas a moral cristã sempre condenou a prática da prostituição. Havia uma compreensão de que a prostituta disseminava doenças sexualmente transmissíveis.

A partir do século XII, na sociedade europeia, em nome dos interesses político-econômicos, as uniões passaram a ser arranjadas sem se levar em conta os sentimentos entre as(os) parceiras(os). Isso contribuiu para o aumento da prática da prostituição “que passou a ser regulamentada e protegida pela lei. Em muitas cortes, as prostitutas alcançaram grande poder, tendo reconhecimento de questões estratégicas.” (Ceccarelli, 2008).

Após a Reforma religiosa no século XVI, o puritanismo passou a controlar os costumes, a ditar a moral. A Igreja Católica deixa de lado seu arsenal teológico para lutar com o problema da prostituição. A ação das igrejas Católica e Protestante, fez com que a prostituição caísse na clandestinidade, embora não fosse eliminada: “Cortesãs continuariam existindo nas cortes europeias e colônias”. ( Ceccarelli, 2008)

No século XIX a Revolução Industrial acrescentou um elemento importante à prostituição, pois as mulheres entram no mercado de trabalho e aí enfrentam condições desiguais com relação ao trabalho dos homens. Uma opção para conquistar melhores condições de vida foi a prostituição. Neste século surge na Espanha uma congregação religiosa feminina, católica, o Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, para atender as mulheres que estavam na prostituição, vivendo na marginalidade e todo tipo de exclusão e discriminação.

Pode-se perceber que no desenrolar da história os valores se transformam e a partir do século XX surgem movimentos internacionais que atuam no combate à exploração sexual de mulheres e adolescentes. Grande parte dos países ocidentais adotou medidas com o objetivo de descriminalizar a prostituição. Em alguns países a prostituição é legalizada, em outros é tolerada e em outros ainda é motivo de penalização para a mulher e o cliente. Nos Estados Unidos a prostituição é ilegal em quase todo o território. Nos países pobres a prostituição é uma das tentativas para melhorar as condições de vida das prostitutas. No Brasil a prostituição adulta é legal desde que não exista incitação pública do ato sexual, o incentivo à prostituição e o comércio do sexo.

### **2.3 A prostituição na região metropolitana de Belo Horizonte**

A presente pesquisa enfoca, especialmente, a realidade da prostituição no contexto da região metropolitana de Belo Horizonte, mais especificamente no hipercentro da cidade.

O crescimento econômico no Brasil tem fomentado algumas tentativas de combate à pobreza através de ações que atuem no combate à desigualdade social. Lamentavelmente ainda não se conhece de fato quem é pobre ou miserável. Assim, as ações políticas e sociais ficam totalmente vulneráveis aos interesses eleitorais ou pessoais de alguns dos que se responsabilizam pela fomentação da economia e do processo de industrialização brasileira.

No Brasil há um alto índice de mobilidade social. Pessoas pobres migram, na maioria das vezes, do trabalho formal para o mercado informal ou para atividades autônomas, sendo que parte dessas pessoas é da classe média, e se tornam pobres.

Com esta mobilidade social o fenômeno prostitucional se fortalece, levando mulheres à prostituição. Cresce cada vez mais o número de famílias mantidas financeiramente por mulheres. Por um lado, esse fato é visto como *status*, resultado da emancipação da mulher; por outro, devido à discriminação de gênero, a população feminina ainda possui renda mais baixa que a masculina. Sendo assim, quando a mulher assume a manutenção de sua família, a renda mensal, na maioria dos casos, sofre queda.

Na região metropolitana de Belo Horizonte encontra-se um reflexo parecido ao do “Brasil Moderno” – “a industrializada, a meio do caminho entre as metrópoles nordestinas e as cidades do Centro-Sul, marcadamente pobres, mas com um núcleo de consumo abastado de proporções significativas” (LEAL, 1999).

As marcas da pobreza e da riqueza estão presentes no mercado de trabalho, tanto no Brasil quanto na região metropolitana de Belo Horizonte. Mais da metade dos operários que representam a força de trabalho brasileira não chegou à conclusão do Ensino Médio. Neste contexto, enquanto um em cada cinco homens trabalha no ramo da indústria, uma em cada cinco mulheres presta serviços domésticos e o rendimento recebido pelas mulheres, no trabalho, equivale, em média, a cerca de 60% do rendimento recebido pelos homens. Esta situação denuncia a diferenciação nas atividades oferecidas pelo mercado de trabalho formal, fundamentada na discriminação de gênero. A baixa escolaridade é um fator que pode ser uma das causas das diferenças da renda da mulher e do homem. A prostituição pode ser uma alternativa para superar essa diferenciação econômica.

Segundo pesquisa realizada por estudantes da FUMEC, entre os anos 1995 e 1999, dentre as mulheres em situação de prostituição na região metropolitana de Belo Horizonte, 4,3% das entrevistadas se declararam analfabetas, 45,6% não chegaram à conclusão do Ensino Fundamental, 36,8% não concluíram os estudos do Ensino Médio, 11,3% concluíram o Ensino Médio e 2,1% das mulheres iniciaram ou completaram o Ensino Superior.

O baixo grau de escolaridade é um dos fatores que empurra a mulher para a prostituição. A partir do trabalho da Pastoral da Mulher, tem-se constatado que o que tem levado a mulher a entrar na prostituição é a necessidade de provimento financeiro, dificuldades da vida, necessidades dos filhos, baixa escolaridade, desejo de luxo, falta de orientação familiar, falta de planejamento. Grande parte das mulheres, que exercem a prostituição no hipercentro de Belo Horizonte, principalmente as mais idosas, são semi-alfabetizadas. Esta carência cultural dificulta a compreensão das informações, o acesso à capacitação e ao emprego, pois os empregos, por mais simples que sejam, exigem o mínimo de escolaridade. “Todo mundo que está no hotel é pobre. Quem tem cultura não fica deitada em uma cama debaixo de homem não”, diz Sinara. A falta de capacitação, de conhecimento, desencadeia uma baixa autoestima e, em muitos casos, desenvolve doenças psiquiátricas como depressão e outros transtornos.

O fator escolaridade pode influenciar o ingresso das mulheres na prostituição como também pode colaborar para a permanência delas na atividade, porque o exercício da prostituição possibilita uma renda em curto prazo e ainda superior, em alguns casos, à renda das demais mulheres de outras categorias de profissões oficiais, inclusive de mulheres que possuem estudos mais avançados. Há mulheres que afirmam preferir exercer a prostituição a trabalhar como empregadas domésticas. Veja a afirmação de uma das mulheres atendidas pela Pastoral da Mulher, em Belo Horizonte.

Lá no meu barraco pra eu comprar um quilo de sal ou pra comprar meu alimento, eu tinha que trabalhar o dia para os outros. Eu tinha que arrumar uma cozinha, arrumar casa, dar umas enxadadas no quintal, cultivar alguma coisa. Então eu trabalhava, algumas pessoas pagavam R\$20,00 o dia trabalhado. Então estes R\$20,00 eu comprava um quilo de sal, 1 quilo de arroz, de feijão, de açúcar... Eu me prostituindo, com o dinheiro eu posso comprar tudo isso, porque o dinheiro é R\$30,00, R\$40,00. (Célia)<sup>2</sup>

Esse depoimento confirma que a sobrevivência está em primeiro lugar na vida das mulheres em situação de prostituição. A prostituição, para muitas delas, além de ser a última opção, é também assumida para resolver um problema imediato. Sobre o tema, afirma Ceccarelli: “Num primeiro momento a prostituição é uma solução temporária à espera de um trabalho regular. Entretanto, devido à falta de qualificação profissional para a entrada no mercado, a prostituição permanece como a única possibilidade de sobrevivência.” (CECCARELLI, 2008). Não se pode negar que a miséria seja um dos principais fatores que levam as mulheres a entrarem na prostituição.

### **2.3.1 Sistema de prostituição no hipercentro de Belo Horizonte**

A prostituição no hipercentro de Belo Horizonte acontece em hotéis e cabines eróticas situados nas proximidades da estação rodoviária. Uma praça nesta mesma região é também ponto de encontro entre mulheres e clientes. Nesse local concentra-se o comércio, lojas, bares, supermercados, farmácias, igrejas evangélicas, pontos de ônibus, o que leva a uma forte movimentação de pessoas. Lúcio Alves destaca:

Local entendido como “perigoso”, no qual as pessoas andam inseguras e apavoradas. Homens, mulheres e crianças “indigentes” se misturam a prostitutas, “perueiros”, policiais, funcionários do comércio, mendigos, camelôs, “flanelinhas”, desempregados, taxistas e trabalhadores informais. (ALVES, 2005)

Trata-se de um local muito movimentado, durante todo do dia, porém a partir das 18h e 19h, horário em que termina o expediente comercial da cidade, o fluxo de pessoas aumenta. Os hotéis de prostituição funcionam das 8h às 23h, porém no início da noite o movimento é mais intenso. Frequentam a zona de prostituição, como é conhecida, homens casados,

---

<sup>2</sup> Célia, nome fictício, é nordestina, trabalha nas proximidades da estação rodoviária de Belo Horizonte e é atendida pela Pastoral da Mulher. Fez esse relato durante uma oficina intitulada “A administração do dinheiro”, desenvolvida pela Pastoral.

solteiros e viúvos. Segundo ALVES, a noite é a melhor amiga daqueles que preferem o anonimato. Dados da Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte afirmam que há mais de duas mil mulheres na região da Rua Guaicurus e entorno.

Os hotéis são de propriedade privada, mas os donos geralmente não são conhecidos pelas mulheres que fazem programas. Há gerentes responsáveis pelas medidas reguladoras e punitivas no hotel, como: controle da entrada e saída das mulheres, cobrança da diária, garantia da segurança. As diárias variam de acordo com as condições dos hotéis. Quanto mais “conforto” mais cara é a diária, que varia entre R\$35,00 e R\$100,00. É considerado “confortável” o quarto que possui, por exemplo: televisor, vaso sanitário e campainha. Nos hotéis onde as diárias são mais baratas, o banheiro e vaso sanitário são de uso comum. As camas são de cimento e desconfortáveis, os quartos possuem pouca circulação de ar e as condições de higiene são precárias. Todo o material de uso pessoal da mulher, como lençol, papel higiênico, preservativos, sabonetes, é de responsabilidade dela. Os hotéis disponibilizam lençóis e aparelho de som para alugar e os demais objetos podem ser comprados na gerência por um preço mais alto do que o do mercado.

Os preços das diárias dos hotéis são previamente estabelecidos, porém o valor dos programas é de responsabilidade das mulheres, que o negociam com os clientes. Os preços dos programas, na maioria dos hotéis são estabelecidos pelo mínimo de R\$10,00, mas as mulheres relatam que nem sempre esses preços são respeitados. Acontece de cobrarem R\$7,00 reais e até R\$5,00. Agentes da Associação da Pastoral da Mulher Marginalizada presenciaram, durante a visita em um hotel, mulheres no corredor anunciando seus serviços por R\$1,99. Puderam ver também anúncios escritos nos azulejos no interior de quartos, de serviços que variavam de R\$1,00 a R\$10,00. Essas promoções acontecem quando a necessidade do dinheiro é urgente, geralmente com mulheres de mais idade e com usuárias de drogas. Afirma Sueli:<sup>3</sup> “A mulher que está no hotel tem que colocar seu preço, como também a que está na praça... é pela dificuldade, que a mulher aceita o que eles dão”. A negociação dos programas nem sempre é tranquila. Há clientes que resistem ao uso do preservativo, outros tentam sair sem efetuar o pagamento e tentam utilizar mais tempo do que o combinado.

As mulheres que exercem a prostituição no hipercentro de Belo Horizonte, são mulheres de origem de diversos Estados do Brasil, do interior de Minas Gerais e da grande Belo Horizonte. A maioria, pertence à etnia negra ou mestiça (negra com branca). A faixa

---

<sup>3</sup> Sueli, nome fictício, trabalha nas proximidades da estação rodoviária de Belo Horizonte e é atendida pela Pastoral da Mulher. Disse esta frase em uma Roda de Conversa desenvolvida pela Pastoral, que tratava das dificuldades das mulheres em situação de prostituição na região do hipercentro de Belo Horizonte.

etária é de vinte e um a sessenta anos. Envolvem-se nessa situação pela necessidade financeira somada ao baixo grau de escolaridade e a episódios de abuso sexual na infância, geralmente cometido por parentes próximos. Grande parte delas tem a prostituição como meio de sobrevivência, sustentam famílias nas cidades de origem e se iniciaram na prostituição tendo como objetivo claro, a subsistência. “Fui para a prostituição para criar meus filhos... meu objetivo é criar meus filhos. Criei sete. Inaugurei no Brilhante”.<sup>4</sup> As mulheres começam a prostituir-se com objetivos claros, porém a prática nem sempre corresponde ao que planejaram. O sistema de consumo sempre cria necessidades. Após cada conquista surgem outras. Se os filhos estão criados, vem a necessidade de prover seus estudos universitários. Outro fator viciante é a conquista do dinheiro rápido. Viciam-se em receber dinheiro todos os dias. Em oficinas de formação, desenvolvidas com as mulheres na sede da Pastoral, trabalhando o tema da administração do dinheiro, verifica-se que há mulheres que não suportam ficar sem dinheiro. Se estiverem sem dinheiro, vão para o hotel e ficam ali até conseguí-lo. O dinheiro adquirido na prostituição não é fácil, mas vem rapidamente. Socorro<sup>5</sup> afirma: “Tendo saúde e disposição, a gente não volta sem dinheiro”. Mesmo que seja pouco, todo o dia tem entradas.

Outro fator que contribui para a mulher permanecer na prostituição é a má administração do dinheiro que ganha. Como é um dinheiro que entra rápido, sai da mesma forma. Sendo assim, nem sempre conseguem o cumprimento do objetivo inicial e isso faz com que permaneçam na prostituição por muitos anos.

### **2.3.2 Contexto familiar das mulheres**

Pertencer a famílias de classe social pobre, inseridas em núcleos geográficos marginais, com escassos recursos econômicos, culturais pessoais e altos índices de desemprego, ou seja, famílias com dificuldade de sobrevivência é fator que pode favorecer

---

<sup>4</sup> Juana, nome fictício, trabalha nas proximidades da estação rodoviária de Belo Horizonte e é atendida pela Pastoral da Mulher. Disse isto em uma Roda de Conversa desenvolvida pela Pastoral, quando se discutia o tema: Prostituição: ganhos e perdas.

<sup>5</sup> Socorro, nome fictício, mineira da grande Belo Horizonte, trabalha nas proximidades da estação rodoviária e fez esta afirmativa em Roda de Conversa desenvolvida pela Pastoral da Mulher, na qual se discutia o tema: Prostituição: ganhos e perdas.



para a criança e a jovem em situação limite, a aprendizagem de comportamentos que marcam profundamente sua infância e o desenvolvimento de sua profissionalidade. Questões comuns na vida das mulheres em situação de prostituição são os conflitos familiares na infância.

As mulheres que exercem a prostituição no hipercentro de Belo Horizonte e são atendidas pela Pastoral da Mulher vêm de famílias pobres. Buscam, através da prostituição, sustento para suas famílias e recurso para uma melhor qualidade de vida.

Há mulheres que mantêm relação ou contato com a família, mas nem todas dão a conhecer às famílias a atividade em que atuam. Costumam dizer que trabalham em serviços domésticos, em restaurantes ou como costureiras. Escutando essas mulheres, tanto no atendimento na sede da Pastoral quanto nas visitas aos locais, hotéis e praças, percebe-se que elas não revelam o que fazem por sofrer preconceitos. Usam ‘nomes de guerra’: Patrícia, Fernanda, Kátia, Joana e outros. Procuram trabalhar em grandes centros urbanos para garantir o anonimato. A maioria relata que exerce a prostituição com o objetivo de ajudar a família, sustentar os filhos, ajudar os pais ou adquirir a casa própria. As mulheres vindas de outros estados do país costumam passar temporadas nos hotéis, isto é, passam aproximadamente vinte dias em Belo Horizonte, e dez com a família. Aquelas que são de estados mais distantes passam um tempo mais longo e enviam dinheiro para a família periodicamente.

Outras mulheres não mantêm relação com a família devido à migração e às experiências negativas na infância. “Os vínculos familiares, em função da migração ou do preconceito, são rompidos, perdendo a pessoa outras referências senão aquelas do próprio meio (SANTIAGO; SANTOS, 1999).

O contexto familiar das mulheres que estão em situação de prostituição é mesclado de amor, atenção, cuidado com a família e marcas negativas de abusos sexuais na infância por parentes próximos, que geram conflito, raiva e distanciamento. Célia<sup>6</sup> afirma, com certa indignação: “Minha vida foi na favela. Com cinco anos eu já fazia programa. Comecei cedo. Quando eu chegar à terceira idade, não quero saber de filhos, de netos, de ninguém”. Suzana<sup>7</sup> também fala da sua experiência na infância: “Fui abusada sexualmente dos dez aos quatorze anos pelos companheiros de minha mãe. Quando completei quatorze anos fui para uma boate

---

<sup>6</sup> Célia, nome fictício, é nordestina, trabalha nas proximidades da estação rodoviária de Belo Horizonte e é atendida pela Pastoral da Mulher. Fez esse relato durante uma oficina desenvolvida na sede da Pastoral, intitulada “A administração do dinheiro”.

<sup>7</sup> Suzana, nome fictício, é nordestina, passa alguns meses trabalhando nas proximidades da estação rodoviária de Belo Horizonte e outros em sua terra natal. Durante o tempo em que está em Belo Horizonte participa de curso e oficinas na sede da Pastoral. Deu este depoimento enquanto conversava informalmente com as agentes.

onde outras adolescentes se prostituíam”. Estes relatos são comuns em histórias de muitas das mulheres que se encontram na prostituição. São experiências que interferem no relacionamento familiar e dificultam a criação de vínculos da mulher com seus filhos e companheiros e bloqueiam, em muitos casos, o relacionamento familiar por toda a vida.

### **2.3.3 Contexto religioso das mulheres**

A religião e a prostituição parecem ser temas muito distantes, pois no imaginário do ser humano a religião condena a prostituição. Quem se prostitui não tem religião e fé. Mas o contato com as mulheres que exercem a prostituição revela o contrário. A religião é muito presente na vida das mulheres e mais do que a religião, a fé.

Percebe-se que entre as mulheres atendidas pela Pastoral da Mulher muitas tiveram as primeiras experiências de vivência da fé na Igreja Católica. Conhecem as orações básicas da Igreja, cultuam devoções aos santos, principalmente a Maria, batizam os filhos e algumas participam da missa esporadicamente. Porém atualmente percebe-se que participam mais das Igrejas Evangélicas. Fazem orações antes de iniciar o dia de trabalho, enquanto arrumam o quarto no hotel, carregam orações nas bolsas e lêem a Bíblia. Quando vão à sala de atendimento da Pastoral, rezam diante da imagem de Nossa Senhora das Graças, deixam pedidos de oração. Nomes de pessoas e até moedas foram encontradas embaixo da imagem. Buscam as igrejas para alimentarem a fé. Através do atendimento da Pastoral pode-se perceber que há também mulheres que participam de mais de uma igreja.

Uma mulher entrevistada relata que aos domingos participa da Igreja Universal do Reino de Deus, porque se identifica mais com essa igreja, e depois acompanha o companheiro à missa na igreja católica. Esse é um exemplo de que a igreja não é o mais importante, mas sim a oração, falar com Deus, confiar a Ele a vida, as dificuldades, as alegrias. Outro dado importante é que há mulheres que, desde a infância conviveram, na família, com pai e mãe de igrejas deferentes. Essas mulheres atualmente participam de outra igreja, ou de outras. Elas não têm uma igreja de referência. Buscam a igreja que está mais próxima de seu trabalho ou de onde moram para fazer suas orações. As Igrejas Evangélicas que as mulheres mais buscam são: Deus é Amor, Casa de Oração, Quadrangular e principalmente a Universal do Reino de Deus. Elas nem sempre têm uma participação frequente; costumam procurá-las nos momentos

mais difíceis de suas vidas. Há mulheres que a partir do momento que aumentam a frequência nas igrejas procuram mudar de vida, principalmente com relação ao uso de drogas.

Independentemente da participação ou não em igrejas ou de afirmarem ter religião, os valores da fé são vivenciados no cotidiano por estas mulheres em situação de prostituição, o que pressupõe uma forte confiança em Deus.

As mulheres vivenciam entre si a solidariedade, a acolhida, a partilha. Demonstram atitudes de solidariedade e atenção às colegas que necessitam de ajuda. Se uma fica doente no hotel uma colega acompanha ao médico, acolhe a colega em sua própria casa quando esta necessita de hospedagem. Partilham roupas, comida e objetos pessoais. Os valores da fé são vivenciados no dia a dia, independentemente de participarem de uma igreja ou de terem uma religião. Através do atendimento e escuta às mulheres, agentes da pastoral presenciam gestos e atitudes de despojamento de algumas mulheres. Há mulheres que são capazes de retirar do corpo o agasalho e doar àquela que não tem, afirmando ter outro no abrigo onde vivem. Esses são gestos comuns entre as mulheres.

Por outro lado, percebe-se certo receio das mulheres quando se trata da relação entre religião e prostituição. Há um desconforto e os relatos são variados. A partir do trabalho com elas verifica-se que o tema religião ainda é confuso para elas. Gostam de ir às igrejas, mas temem que se saiba o que fazem. A maioria não tem coragem de falar para o pastor ou pastora, para os padres ou participantes das comunidades que exerce a prostituição, pois percebem o preconceito inconsciente, através de suas falas. Já outras fazem questão de comentar suas atividades até por parecerem ter mais liberdade em falar do tema. Essas que costumam dizer, nas igrejas, que exercem a prostituição, afirmam que em algumas delas percebem que há preconceito e discriminação.

A Pastoral da Mulher, uma organização confessional católica que procura viver os valores de Jesus Cristo através de atitudes de acolhida, misericórdia, compaixão e solidariedade, atua junto às mulheres em situação de prostituição, respeitando sua pluralidade religiosa e promovendo seu crescimento na fé.

#### **2.4 Atuação da Associação da Pastoral da Mulher**

A Associação da Pastoral da Mulher Marginalizada existe em Belo Horizonte desde 1982. Foi fundada no bairro do Bonfim, em Belo Horizonte – MG, com as Irmãs Oblatas do

Santíssimo Redentor<sup>8</sup> e com leigas e leigos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. No bairro do Bonfim havia um aglomerado de casas de prostituição, mas com a revitalização do bairro essas casas foram desativadas e a prostituição passou a concentrar-se no hipercentro, da cidade, nas proximidades da estação rodoviária, em hotéis e na praça Rio Branco. Sendo assim, a Pastoral, a partir de 1990, transferiu o atendimento às mulheres também para o hipercentro.

A Pastoral desenvolve com as mulheres em situação de prostituição uma proposta pedagógica, objetivando “conseguir que as mulheres resgatem sua dignidade de pessoas, o sentido e uma nova perspectiva de vida e promovam uma consciência cidadã sobre seus valores e papéis na sociedade, a fim de que, organizadas, gerem estratégias reivindicativas para melhorar sua qualidade de vida” (ASSOCIAÇÃO DA PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA, 2005, p.21). Comprometida com a promoção da mulher em situação de prostituição, reconhece o fenômeno da prostituição como fator de estigmatização das mulheres e de sua exclusão de uma vida digna, e considera a prostituição, não como uma questão moral, mas como consequência de problemas econômicos, sociais, políticos, psicológicos, familiares, pessoais, entre outros.

Assim, traça-se um caminho gradual, progressivo, articulado com outras instituições, governamentais e não governamentais: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Centro de Saúde Carlos Chagas, Universidade Federal de Minas Gerais, congregações e institutos religiosos, com os quais fortalecem redes e parcerias para um melhor atendimento às mulheres, nas suas diversas necessidades: saúde, educação, capacitação básica, emprego, envolvendo-as para que se comprometam e sejam protagonistas do seu próprio processo.

A proposta pedagógica desenvolvida com as mulheres em situação de prostituição é organizada e planejada em processos e constituída de quatro etapas: aproximação e sensibilização, formação e capacitação integral, reinserção social e seguimento cultural que se renova no âmbito social.

A etapa de aproximação e sensibilização é o momento em que se vai ao encontro das mulheres nos locais onde exercem a prostituição, hotéis e praça das proximidades da estação rodoviária, como também da acolhida no espaço da Associação, conhecido como Cantinho da Paz. Nesse espaço promovem-se oficinas com desenvolvimento de temas sobre saúde da mulher, cultura, autoajuda, ecologia, relações de gênero, prostituição, artesanato, artes,

---

<sup>8</sup> As irmãs oblatas são religiosas católicas pertencentes à Congregação das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, fundada na Espanha em 1870, com o objetivo de atender as mulheres em situação de prostituição. Atualmente desenvolve projetos com as mulheres em quinze países.

atendimento psicológico e encaminhamentos médicos. Oferece também acesso livre à INTERNET e cursos básicos de informática.

A segunda etapa é o período da formação integral e iniciação à capacitação das mulheres, considerando suas potencialidades e limites. São oferecidos, no espaço da Pastoral, cursos básicos de capacitação como confecção de artesanato, costura e pintura em tecido, visando a produção dentro dos valores da economia solidária.

A terceira etapa visa à reinserção social. Nesta etapa a mulher começa a concretizar uma nova perspectiva de vida em formas específicas de trabalho, de convivência e de promoção integral. A mulher é incentivada a participar de outros espaços sociais e a ampliar sua rede de contatos, principalmente sobre a economia solidária.

Na quarta etapa se dá o acompanhamento ao processo integral da mulher.

No marco conceitual antropológico da proposta pedagógica aborda-se a mulher como pessoa, sujeito, ser em relação; pessoa em relação de gênero, com identidade racial, transcendente e possuidora de utopias. Acredita-se que a estrutura de gênero entre mulheres e homens não é natural, mas sim uma construção social e, para compreender a complexidade da prostituição e melhor atender e acompanhar as mulheres, é necessário abordar esse tema.

#### **2.4.1 Desafios da Pastoral da Mulher**

No trabalho com a mulher em situação de prostituição há grandes desafios e entre estes está a violência em que vivem as mulheres. A violência física e psicológica é presença constante em suas vidas e se expressa nas relações com clientes, gerentes dos hotéis e entre elas mesmas. A falta de organização entre elas impede as articulações para reivindicar melhores condições de trabalho nos hotéis.

Apesar de haverem indicadores de ausência ou diminuição da violência física nas áreas de prostituição abrangidas pela ação das associações de classe e/ou ONGs, este ainda é um elemento fortemente associado à situação das mulheres da região do hipercentro. A intensidade e a frequência de práticas agressivas que permanecem impunes contribuem para que a violência seja considerada pelas próprias mulheres como o maior perigo enfrentado no cotidiano.

Quanto à prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, relatam que o uso do preservativo com os clientes ainda não é prática natural. Há uma baixa assimilação das

informações sobre a transmissão e a prevenção das DST/HIV/AIDS. Paralelamente a isso, existem outros fatores decisórios para a adoção do uso de preservativo em todas as relações sexuais. A aparência saudável e a frequência regular dos clientes, a existência de parceiros ou companheiros fixos, a situação econômica desfavorável da mulher, as melhores ofertas de preço dos clientes e as condições físicas da mulher (consumo de bebidas alcoólicas e/ou drogas) são alguns elementos que favorecem o distanciamento entre o conhecimento e a prática.

Outros entraves, que acontecem principalmente com as mulheres que estão se iniciando na prostituição recentemente, é o envolvimento com drogas. O sustento dos vícios é de alto custo. Quando se tornam dependentes e têm que sustentar o vício, nem sempre conseguem ajudar as suas famílias e terminam a vida na pobreza extrema. Atualmente as mulheres que estão na prostituição e não se envolvem com as drogas se consideram vitoriosas, porque a oferta e o incentivo são frequentes. Sobre esse assunto relata Marta<sup>9</sup>: “Eu consegui. Não tenho vícios; eu ando assim: chinelo, roupa de bazar... mas não bebo e nem fumo”. No interior dos hotéis circula drogas. Tanto há tráfico como mulheres usuárias e clientes que entram no quarto da mulher só para usar. Nesse caso eles não têm relação sexual com a mulher; pagam pelo uso do quarto para usar a droga.

O uso de drogas é fator marcante na prostituição. São consumidas por um contingente significativo de mulheres. Há registros constatando que a grande demanda de drogas está associada ao efeito deturpante da consciência promovido pelo álcool, anfetaminas, cocaína e *crack* no desempenho diário do exercício da prostituição. As drogas são, geralmente, consideradas substâncias aliadas capazes de abrandar as dificuldades cotidianas, principalmente no que tange ao cumprimento da longa duração da jornada de trabalho. As mulheres que não são usuárias reconhecem que a droga é prejudicial na prostituição. Afirma Isabel: “A droga faz a mulher se sujeitar a qualquer coisa. E tira a oportunidade de trabalho da outra trabalhar”. A mulher não usuária é prejudicada porque a usuária sustenta o vício com a renda da prostituição e devido à necessidade, diminui o preço dos programas gerando concorrência entre elas.

Um número significativo de mulheres atendidas pela Associação da Pastoral da Mulher Marginalizada é de usuárias de álcool e drogas e isso faz com que o processo de sua

---

<sup>9</sup> Marta, nome fictício, mineira do interior do estado, trabalha nas proximidades da estação rodoviária e fez essa afirmação durante uma Roda de Conversa desenvolvida pela Pastoral da Mulher tratando do tema Prostituição: ganhos e perdas. Dizia que o que complica ainda mais a situação da mulher na prostituição é o envolvimento com as drogas.

libertação seja mais lento, devido à falta de políticas públicas eficazes para atender esses casos.

Mesmo com tantos desafios, a Pastoral tem conseguido significativos resultados com o trabalho desenvolvido com as mulheres.

#### **2.4.2 Resultados do trabalho da Pastoral da Mulher**

Os resultados alcançados com as mulheres pela Pastoral são em grande parte qualitativos e não quantitativos. Parece pequeno o número de mulheres atendidas na região do hipercentro de Belo Horizonte, mas os resultados são avaliados considerando-se que pessoas humanas estão desabrochando para sair da exploração e apagam o estigma da prostituição e, com alegria e liberdade podem dizer onde trabalham, o que fazem, ou seja, estão em vias de saírem do anonimato que lhes impõe a prostituição.

O público atendido pela Pastoral da Mulher é heterogêneo, mas pode ser dividido em dois perfis: as mulheres em situação de prostituição que possuem moradias ou vivem uma temporada nos hotéis e outra em suas cidades de origem, e as mulheres que fazem parte da população de rua em Belo Horizonte. Para cada perfil os resultados são completamente distintos.

A partir da Proposta Pedagógica<sup>10</sup> e da realidade concreta das mulheres tem-se elaborado um plano de formação abordando temas pertinentes à sua situação. Estes temas são concretizados através de bate-papos, rodas de conversas, oficinas terapêuticas, palestras, oficinas formativas, entre outras dinâmicas através das quais se tem conseguido a aproximação da complexa realidade da prostituição na qual as mulheres estão inseridas. Nestes espaços as mulheres expressam suas alegrias, sonhos, conquistas como também trajetórias de sofrimento. A partir do momento em que vão recontando suas histórias, vão resgatando sonhos às vezes interrompidos pela prostituição. Com isso há mulheres desenvolvendo uma consciência crítica frente à exploração em que vivem na prostituição e têm buscado outros caminhos.

---

<sup>10</sup> Proposta Pedagógica é uma metodologia de trabalho com as mulheres em situação de prostituição, desenvolvido pela Congregação das Irmãs Oblatas do Brasil. É utilizada em todos os projetos pastorais da congregação no país.

Muitas das mulheres que são moradoras na rua, não possuem documentação e nem sempre despertaram interesse. A Pastoral providencia a documentação dessas mulheres, o que lhes proporciona verdadeira alegria e entusiasmo por se sentirem cidadãs brasileiras.

As mulheres que não fazem parte da população de rua vêm desenvolvendo uma consciência crítica frente à exploração em que vivem na prostituição. Têm demonstrado interesse em adquirirem capacitação profissional para trabalhar como enfermeiras, em serviços gerais, como cuidadoras de pessoas idosas e como vendedoras.

Há mulheres que se despertaram para retomar seus estudos nos níveis Fundamental e Médio. Através dos cursos básicos de informática, oferecidos na Pastoral, conseguem ‘navegar’ na INTERNET, fazer pesquisas sobre assuntos de seu interesse.

A Pastoral tem disponibilizado curso de formação para confecção de artesanato, o que tem despertado nas mulheres o interesse por criar seu próprio negócio. Estão confeccionando artesanato em tecidos, comercializado em feiras. Estas são conquistas que vão além da confecção de produtos, pois constituem um sinal de crescimento da autoestima e levam à descoberta de talentos que pareciam oxidados dentro delas.

A participação de mulheres no boletim informativo da Pastoral, através da escrita de artigos de orientação às suas colegas, é outro sinal de crescimento e descoberta de potencialidades.

Estes parecem ser pequenos resultados, mas têm feito a diferença nas vidas dessas mulheres. Pode-se concluir que a Pastoral tem conseguido resultados positivos com as mulheres atendidas.

Após situar, neste capítulo, o tema da prostituição na história, o seu perfil em Belo Horizonte, o contexto das mulheres no hipercentro e o trabalho da pastoral, pretendo, a seguir, chegar ao cerne da pesquisa, que é descobrir a influencia da religião na vida dessas mulheres.



### **3 PROSTITUIÇÃO E RELIGIOSIDADE: pesquisa empírica**

O interesse principal nesse capítulo é analisar, a partir da pesquisa empírica, o lugar da religião, a experiência religiosa das mulheres em situação de prostituição.

O método utilizado é o da pesquisa empírica qualitativa, usada pelas ciências sociais, que responde a questões muito particulares da realidade, “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes.” (DESLANDES; GOMES, 1993, p.21). Este método compreende o conjunto de fenômenos humanos como parte da realidade social, pois o ser humano se diferencia pelo pensar sobre o que faz, por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes, além das diferenças no agir de cada um e cada uma. “Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]” (DIEHT; TATIM, 2006, p.52). Esse método foi escolhido devido à complexidade da realidade da mulher em situação de prostituição em todas as dimensões, mas especialmente quando se refere ao tema religião.

A pesquisa qualitativa, segundo Deslandes e Gomes (1993), é um trabalho artesanal e é um ciclo, ou seja, um processo de trabalho em espiral que se inicia com uma pergunta e finaliza com respostas. Esse ciclo é dividido em fase exploratória, trabalho de campo, e análise e tratamento do material.

A primeira fase da pesquisa, chamada exploratória, se deu a partir da minha experiência de três anos trabalhando com as mulheres em situação de prostituição no hipercentro de Belo Horizonte, o que gerou uma pergunta: qual a influência da religião na vida das mulheres em situação de prostituição? Por que elas procuram mais as igrejas evangélicas do que a Igreja Católica? Para tentar compreender essa questão elaborei um projeto de conclusão do curso de especialização em Ciências da Religião, que apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas, foi analisado e aprovado. O comitê solicitou que cada sujeito entrevistado assinasse um Termo Livre de Consentimento para participar da pesquisa.

Na segunda fase, conhecida como trabalho de campo, foram realizadas entrevistas individualmente, com uma amostra de dez mulheres atendidas pela Pastoral da Mulher. Todas assinaram o Termo Livre de Consentimento. Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete e transcritas.

Além do material levantado nas entrevistas, foram utilizados dados da experiência de minha atuação como orientadora social na Pastoral, instrumentos de observação a partir de escutas, conversas informais e documentos internos como Diretrizes, Plano de Ação, relatórios e resultados de oficinas em que foram desenvolvidos temas relacionados à prostituição.

Para compreender melhor o contexto religioso e a migração das mulheres, principalmente da Igreja Católica para as Igrejas Evangélicas, foram realizadas visitas nas igrejas das quais as mulheres mais participam: Deus é Amor, Universal do Reino de Deus e Católica.

Na terceira fase, onde se dá a análise e tratamento do material, a tentativa é de compreender e interpretar os dados empíricos recolhidos das mulheres e articulá-los com a teoria.

O roteiro de referência utilizado nas entrevistas segue abaixo.

- 1) Você tem religião? Participa de alguma igreja? Você vai a algum culto, missa? Com que frequência?
- 2) Qual era a sua religião de origem? Já frequentou a Igreja Católica?
- 3) Você acredita em Deus? O que você pensa sobre Deus? Quem é Deus para você?
- 4) Em que momentos de sua vida você mais procura por Deus? O que você encontra em Deus?
- 5) Como você vê o seu trabalho [a prostituição] em relação à religião?
- 6) Como a igreja da qual você participa lida com o tema da prostituição? (Acolhe, condena, discrimina...) Você se sente bem acolhida?
- 7) As pessoas da igreja sabem que você exerce a prostituição? Como elas reagem?
- 8) Como você se sente na igreja da qual participa? Por que você gosta dessa igreja?
- 9) Em que momento de sua vida você procura a igreja? Como se sente participando da igreja?
- 10) Os pastores, padres sabem sobre seu trabalho?
- 11) O que você ainda preserva da sua fé católica?
- 12) Sobre seu trabalho: Você está satisfeita, gosta do que faz?
- 13) E sua família, sabe o que você faz?
- 14) O que a levou a entrar na prostituição?

Na sequência, será apresentada, em forma de quadros, a síntese das entrevistas<sup>11</sup>. Por questão de formatação está dividida em dois blocos.

O roteiro não foi seguido a rigor, apenas foi um instrumento de apoio. O objetivo era dar à mulher liberdade para expressar sua experiência sem se prender a perguntas. A esse modelo de entrevista Maria Cecília de Souza Minayo chama de semi-estruturada. Ele pode combinar perguntas fechadas com abertas, em que o(a) entrevistado(a) tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

Por um lado, foi positivo o modelo escolhido, porque as entrevistas aconteceram com mais leveza. Por outro lado ficaram questões importantes sem serem respondidas como, por exemplo, a relação da mulher com a prostituição.

Ao ler as entrevistas observa-se que poderiam ser aprofundados diversos temas, porém nesta monografia tentarei aprofundar apenas as questões relativas à experiência religiosa das mulheres.

---

<sup>11</sup> Em anexo, seguem, na íntegra, as entrevistas feitas com as dez mulheres. Todas são atendidas pela Associação da Pastoral da Mulher, em Belo Horizonte.

**Resultados das entrevistas. Unidade de análise.**

<b>Sujeito Categoria</b>	<b>Sujeito 1 (Wanda)</b>	<b>Sujeito 2 (Silvéria)</b>	<b>Sujeito 3 (Vera)</b>	<b>Sujeito 4 (Siomara)</b>	<b>Sujeito 5 (Cleide)</b>	<b>Descrição da categoria</b>
<b>Religião/Igreja</b>	Considera-se sem religião. Já passou por várias igrejas. Atualmente frequenta a Deus é Amor.	Evangélica A mãe era batista. Depois de adulta frequentou: Maranata, IURD, Sara Nossa Terra. Atual: Casa de Oração.	Evangélica A mãe batista, o pai católico. Até os doze anos frequentou a Igreja batista. Atual: Maranata.	Católica Sempre foi católica, mas de pouca participação. Atual: Católica	Não frequentava nenhuma igreja. Atual: Quadrangular	Os sujeitos têm consideráveis transito religioso. Todos passaram por diferentes igrejas e a maioria frequenta as igrejas evangélicas atualmente.
<b>Imagem de Deus</b>	Deus ensina a ter amor. Quem salva é Deus e as boas obras. Deus exige coerência e perfeição. Conversa com Deus pedindo mudança de vida.	Sempre teve vontade de aprender sobre a Palavra. Teve várias experiências com Deus, de pedir e receber. Sente-se pecadora, mas acredita na misericórdia de Deus.	Jesus andava com todo tipo de gente, inclusive com prostitutas. Jesus veio para os doentes e não para os sãos.	Disse que nos momentos difíceis lembra-se de Deus. A vida ensina que Deus existe.	Relatou que viveu vinte anos na rua e Deus a protegeu.	Apresentam imagem de Deus como: salvador, protetor, perfeição, amor, perdão, misericordioso, apoio, refúgio, confiança, paz, pai, força e bom.
<b>Fé e busca de Deus</b>	Busca Deus nos momentos bons e ruins da vida. Disse lembrar-se dele no cotidiano.	Relata que sempre teve uma batalha espiritual. Após o falecimento da mãe sentiu-se muito sozinha e teve problemas espirituais como visões. Só conseguia dormir após rezar o SI 91.	Lembra de Deus nos momentos de agradecer. Dá glória a Deus. Aos domingos sente necessidade de ir à igreja.	Busca Deus todos os dias. “Em qualquer lugar e em qualquer hora ele está com a gente”.	Procura Deus nos momentos em que está triste, deprimida e se sentido só.	Os sujeitos buscam Deus nos momentos de alegria e tristeza, porém prevalece a busca nos momentos de medo, solidão, depressão e tristeza.
	Sente-se bem na	As pessoas da igreja	Percebe que há	Falam que	Comenta com a	Percebe-se que os

<b>Experiência na Igreja</b>	igreja. Não percebe discriminação por parte dos líderes e dos outros membros.	de que participa não discriminam. Já comentou com o pastor sobre sua vida na prostituição. Ele incentiva a sair. Mas relatou que em outras igrejas pelas quais já passou há discriminação e preconceito.	preconceito com relação à prostituição. Açam que a igreja é que é correta. Eles não chamam para ser membro da igreja. Não tem coragem de contar que está na prostituição por medo da reação.	prostituição é pecado. Tem que sair dela. É um assunto desagradável. Não tem coragem de comentar na igreja sobre o que faz. “Eles não aceitam”	pastora sobre sua vida. A orientação é que não é necessário se prostituir, pois Deus tem algo muito especial para a vida dela. Mas percebe que ninguém é contra.	sujeitos sentem-se bem nas igrejas das quais participam, pois estão buscando a Deus. Por isso relativizam a postura dos líderes e membros com relação à prostituição. A maioria relata que há preconceito por isso prefere o anonimato na participação.
<b>Religião e prostituição</b>	.....	Expressa que há igrejas que discriminam a prostituta. A prostituta não pode participar das atividades da igreja, como encontro de reflexão.	.....	.....	.....	Para ela as pessoas religiosas discriminam as prostitutas. Há exclusão por parte de algumas igrejas.
<b>A relação com a prostituição</b>	A polícia e os clientes agrediam as mulheres. Há preconceito. Clientes abusavam das mulheres (não pagavam pelo serviço). Há mulheres que roubam dos clientes.	.....	Não gosta da prostituição, mas é o meio de sustento da família. Expressa que esse é um serviço.	Disse não estar satisfeita, mas é o meio de sobrevivência que tem.	.....	Os sujeitos expressam não estar satisfeitos na prostituição, pois há violência, discriminação, conflito, constrangimento. Estão na prostituição por necessidade. É

						um meio de sustentar a família.
<b>O que levou-a à prostituição</b>	Aos dez anos de idade foi violentada pelo padrasto e a partir daí foi para a rua viver com as mulheres em situação de prostituição.	.....	Disse que viu um anúncio no jornal convidando para acompanhante de executivo com salário alto.	.....	A necessidade financeira é que leva a fazer programas. Às vezes é o único meio para arrumar dinheiro.	A maioria dos sujeitos foi levada por necessidade financeira. Um dos sujeitos, devido à violência sexual sofrida na infância.
<b>Família</b>	Viveu com a família somente até os dez anos. Após violência sexual foi para a rua viver com as mulheres prostitutas.	.....	Duas pessoas da família já a encontraram no hotel de prostituição. Desconfia que os cunhados sabem. Sua mãe não sabe.	É separada do marido. Seus filhos não sabem que ela está na prostituição.	.....	No primeiro caso a família abandonou-a; nos demais, as famílias não sabem que elas estão na prostituição.

**Resultados das entrevistas. Unidade de análise.**

<b>Sujeito / Categoria</b>	<b>Sujeito 6 (Ana Maria)</b>	<b>Sujeito 7 (Lívia)</b>	<b>Sujeito 8 (Andréia)</b>	<b>Sujeito 9 (Karine)</b>	<b>Sujeito 10 (Ivanilde)</b>	<b>Descrição da categoria</b>
<b>Religião/Igreja</b>	É católica, foi batizada e participa também da IURD. “Sempre fui católica, mas quando as coisas pioraram passei a frequentar a	Antes era católica, batizada, crismada e foi catequista. Depois foi espírita por dois anos. Atualmente vai à Igreja Católica, mas	Nasceu e foi batizada na Igreja Católica. Atualmente frequenta, mas não tem um templo específico.	Era da Igreja Católica, frequentou a Universal e atualmente frequenta a Igreja da Graça.	Foi batizada na Igreja Católica, mas frequenta a Igreja Universal há quinze anos.	Todos os sujeitos têm o catolicismo como religião de origem e passaram por diferentes igrejas evangélicas. Quem continua

	Universal”.	não afirma ter religião.				como católica não tem participação ativa e quem está nas igrejas evangélicas é mais frequente.
<b>Imagem de Deus</b>	Disse já ter passado sufoco na vida e após ter se apegado a Deus, sua vida mudou. “A coisa melhor que tem é Deus. Deus é maravilhoso”. Deus é força, Ele ouve, acolhe e não discrimina.	Para ela Deus é tudo. É poder, saúde, amor, compreensão e misericórdia. Acredita em um Deus que nos ama onde estamos, independentemente do que fazemos. Antes acreditava que Deus castigava e que Ele não entrava na área da prostituição. Hoje acredita que Ele está ali guardando, livrando-a e ajudando-a a ganhar dinheiro.	Disse ter fé em Deus apesar de essa fé estar abalada. Para ela Deus é maior do que tudo, melhor do que tudo, mas “Ele usa isso em favor de alguém que lhe interessa... ele faz separação entre as pessoas”.	Deus para ela é um homem que está no céu, que nunca se vê.	Tudo que pede a Deus recebe. Pediu para Deus fazer uma obra no seu filho que estava com problemas e foi atendida. Deus é para ela uma coisa boa do senhor lá de cima a quem que a gente pede e consegue.	Para a maioria dos sujeitos a imagem de Deus é: Força, acolhida, poder, saúde, amor, compreensão, misericórdia, protetor, livra do mal, ajuda nos momentos difíceis, está em todos os lugares. Para uma pessoa Deus faz distinção entre as pessoas, ele ajuda quem acha que deve ajudar e, para outra ainda, é um homem que está no céu.
<b>Fé e busca de Deus</b>	Buscou Deus nos momentos muito difíceis de sufoco, e encontrou uma luz. Pediu forças e até hoje se sente bem.	Busca Deus nos momentos de dificuldade. Aprendeu também a agradecer a Deus e a louvar pelas coisas boas.	Busca Deus nos momentos de desespero, quando está precisando, necessitando, mas sente que não tem retorno.	Busca Deus nos momentos em que está com depressão.	Procura Deus no momento em que está com um problema na vida, como na família e na saúde.	Todas procuram Deus nos momentos difíceis da vida: doença, depressão, desespero e problemas na família. Uma o

						procura para agradecer.
<b>Experiência na igreja</b>	<p>Não fala que exerce a prostituição. Os temas são bons, dão conselhos ótimos, se sente bem. As pessoas da igreja são contra a prostituição. Falam que o dízimo não deve ser dinheiro da prostituição. Mas ela paga o dízimo com esse dinheiro. “Eles falam, mas Deus atende”.</p>	<p>No centro espírita fazia trabalho para ganhar dinheiro na prostituição, mas o que ganhava era investido em novos trabalhos. Não crê em muitas coisas da Igreja Católica como também acha muitas coisas erradas nas Igrejas Evangélicas. Não acredita em batismo de crianças. Não fala na igreja que exerce a prostituição pois sente que há preconceito e discriminação.</p>	<p>Não fica dialogando com os padres ou com as pessoas que frequentam a igreja sobre o que faz ou deixa de fazer porque, como toda a sociedade, o meio da Igreja Católica tem preconceito. “Então, a gente ir para ser rejeitada, então procurar evitar é melhor”.</p>	<p>Na igreja de que participa falam que a pessoa tem que sair da [prostituição e droga]. Eles dão conselho e falam que Deus vai ajudar a sair dessa vida. Não fala para o pastor sobre sua vida. Sente-se bem em todas as igrejas.</p>	<p>Não tem nada a reclamar da igreja, pois acredita é em Deus. Sente-se muito bem. As pessoas da igreja dizem que quem [se prostitui] não deve seguir esse caminho porque quem está dentro da igreja não pode seguir aquilo, porque está pecando contra Deus. Não tem coragem de contar ao pastor sobre ter estado na prostituição.</p>	<p>Percebe que tanto a Igreja Católica quanto as Igrejas Evangélicas têm preconceito com relação à prostituição. Incentivam as mulheres a saírem da prostituição. O dízimo não pode ser dinheiro da prostituição e elas não têm coragem de contar para os líderes e as pessoas da igreja que estão na prostituição. Têm medo da rejeição, do preconceito e da discriminação.</p>
<b>Religião e prostituição</b>	<p>Sente que o trabalho que faz [prostituição] não combina com a religião. “Estou seguindo uma coisa que Deus não permite”. Sente estar errada.</p>		<p>Acha que Deus e religião são coisas boas que estão do lado do bem, mas que prostituição e religião não combinam. Não dá para seguir as duas coisas.</p>	.....	.....	<p>Na visão das mulheres a religião é coisa do bem e a prostituição é do mal. São temas que não dá pra conciliar.</p>



<b>A relação com a prostituição</b>	Gosta dos trabalhos manuais que faz. Não acha certo as paqueras, mas faz.	Já gostou muito da prostituição. Atualmente perdeu o interesse. Ainda está por questão financeira.	Atualmente não exerce a prostituição. Não está bem, mas se sente melhor do que quando estava na prostituição.	Está na prostituição devido ao vício de drogas.	Não é um lugar abençoado por Deus. O dinheiro que se ganha na prostituição não é abençoado por Deus.	Todas estão insatisfeitas na prostituição. Continuam devido à necessidade financeira.
<b>O que a levou à prostituição</b>	Após ficar viúva passou por dificuldade financeira.	A questão financeira.	Necessidade pessoal, passando dificuldades.	Brigas em casa, que a levou a ir para a rua.	Influência de uma colega.	A maioria iniciou na prostituição devido à necessidade financeira. Mas há motivos de brigas na família e influência de colegas.
<b>Família</b>	Não sabe que exerce a prostituição.	A mãe e dois irmãos sabem que está na prostituição. Não criticam, mas se trabalhar na cidade de origem tem problemas com os irmãos.	A família não sabe que exerceu a prostituição.	A família sabe só do uso de drogas.	A família não sabe que exerceu a prostituição.	A maioria das famílias das mulheres não sabe. E quando sabe, não há uma boa aceitação.

### Síntese por sujeito

<b>Sujeito 1</b> <b>(Wanda)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Igreja: Deus é Amor e sente-se bem.</li> <li>• Deus: Salvador, perfeição. Busca Deus nos momentos difíceis da vida.</li> <li>• Prostituição: O que a levou foi a violência em casa. Abuso, preconceitos e roubo.</li> <li>• Família: Violência sexual na infância. Abandono.</li> </ul>
<b>Sujeito 2</b> <b>(Silvéria)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evangélica: Igreja Casa de Oração. Sente-se bem.</li> <li>• Deus é misericórdia.</li> </ul>
<b>Sujeito 3</b> <b>(Vera)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evangélica: Igreja Maranata. Sente-se bem.</li> <li>• Jesus: Não discrimina, andava com todo tipo de pessoas, inclusive as prostitutas.</li> <li>• As igrejas têm preconceito com relação à prostituição.</li> <li>• Prostituição: Meio de sobrevivência. A família não sabe.</li> </ul>
<b>Sujeito 4</b> <b>(Siomara)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Católica.</li> <li>• Deus: Presente cotidiano da vida. Busca Deus nos momentos difíceis.</li> <li>• Prostituição: Insatisfação; meio de sobrevivência. A família não sabe.</li> </ul>
<b>Sujeito 5</b> <b>(Cleide)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evangélica: Igreja Quadrangular. Sente-se bem.</li> <li>• Deus: Proteção. Procura Deus nos momentos mais difíceis da vida.</li> <li>• Prostituição: Necessidade financeira.</li> </ul>
<b>Sujeito 6</b> <b>(Ana Maria)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Católica.</li> <li>• Deus: Força, acolhida. Busca Deus nos momentos difíceis da vida.</li> <li>• Prostituição: Necessidade financeira. Não combina com religião. Família não sabe.</li> </ul>
<b>Sujeito 7</b> <b>(Lívia)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Católica.</li> <li>• Deus: Poder, saúde, amor, compreensão, misericórdia e protetor. Busca Deus nos momentos difíceis.</li> <li>• Prostituição: Parte da família sabe, mas não é tranquilo.</li> </ul>
<b>Sujeito 8</b> <b>(Andréia)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Católica</li> <li>• Deus é maior que tudo, mas faz distinção de pessoas. Busca Deus nos momentos de desespero, de necessidade.</li> <li>• Prostituição: Insatisfeita. Necessidade financeira. A família não sabe.</li> </ul>
<b>Sujeito 9</b> <b>(Karine)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evangélica: Igreja Internacional da Graça. Sente-se bem.</li> <li>• Deus: Um homem que está no céu. Busca Deus quando está com depressão.</li> <li>• Prostituição: O que a levou foram as brigas em família. Continua para sustentar o vício de drogas. A família não sabe.</li> </ul>
<b>Sujeito 10</b> <b>(Ivanilde)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Evangélica: Igreja Universal. Sente-se bem.</li> <li>• Deus: Bom, que atende aos pedidos. Busca Deus nos momentos em que está com problema.</li> <li>• Prostituição: O que a levou foi a influência de amigas. Não é um lugar abençoado por Deus. A família não sabe.</li> </ul>

### 3.1 Religião e igreja

Ao entrevistar as mulheres tem-se a impressão de que elas não fazem distinção entre religião e igreja, ou de que talvez elas tenham mais facilidade para falar de igrejas do que de religião. Mas de qualquer forma, tanto a religião quanto a igreja são indiferentes para elas. O mais importante é a relação com Deus.

As religiões atuam procurando responder à realidade do sofrimento, ajudam as pessoas a darem sentido à vida. Cada denominação tem uma forma de lidar com o sofrimento.

“Toda religião tem de lidar com o problema do sofrimento imerecido, da miséria e da morte. As religiões de salvação, como sabemos, invariavelmente prometem aos fiéis a libertação do sofrimento, seja no além ou neste mundo, seja agora ou num futuro messiânico”. (MARIANO, 1999, p.147)

Muitas vezes a religião é refúgio, saída, apoio, referencial e sustento psicológico para evitar um desequilíbrio maior. Percebe-se que, por um lado, a religião sustenta a fraqueza a partir de suas promessas e dá esperança; por outro, mantém a dependência dos ‘poderes’ do alto.

A religião pode ser uma força que ajuda a mulher a reconhecer sua dignidade e crescer na autoestima, como também pode favorecer sua acomodação, delegando a ‘responsabilidade’ da vida ao divino quando a mulher vivencia, por exemplo, atitudes de aceitação da situação de opressão. Isso acontece quando se tem uma imagem de um Deus onipotente, poderoso e distante da realidade. “Esperar das entidades do alto é uma construção social religiosa da vida ‘espontânea’. É uma maneira de perceber o mundo como ‘dividido’ entre nós e eles” (GEBARA, 2000, p.61). Sendo assim, as mulheres continuam acreditando que não têm poder, não são capazes. E sentir que são capazes e que têm poder é extremamente importante para a concretização da própria esperança. O poder faz acreditar que se pode lutar por um mundo melhor, e que juntas podem sair da opressão, da marginalidade, da discriminação.

#### 3.1.1 O trânsito religioso das mulheres

Após sintetizar as entrevistas das mulheres, a primeira descoberta é que o trânsito religioso não acontece somente da Igreja Católica para as igrejas evangélicas e que todas as mulheres entrevistadas têm como religião de origem o cristianismo. No seu interior

transitaram por diversas igrejas evangélicas e a católica. Das dez mulheres participantes da pesquisa, seis foram batizadas e tiveram participação na Igreja Católica e atualmente estão nas igrejas evangélicas. As mulheres de origem evangélica estão em outras igrejas evangélicas. As mulheres de origem católica ainda conservam alguns costumes da igreja como: as orações, devoção a Maria e participação à missa esporadicamente.

As igrejas pelas quais as mulheres mais transitam são Católica, Pentecostal Renovada (Deus é Amor, Maranata, Quadrangular) e Neopentecostal (Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça). As igrejas pentecostais renovadas são frutos da cisão de igrejas protestantes tradicionais a partir da década de 1960. Consideram-se renovadas, por defenderem a crença na contemporaneidade e nos dons do Espírito Santo. Adotam a teologia pentecostal e, muitas delas, a teologia do neopentecostalismo. As neopentecostais têm origem na Igreja Pentecostal Renovada. A Igreja Nova Vida é formadora e provedora da Universal do Reino de Deus e Igreja Mundial da Graça de Deus. A marca distintiva do neopentecostalismo é a guerra espiritual através do exorcismo, a cura divina e a prosperidade.

Constata-se que no trânsito religioso prevalece a participação das mulheres nas igrejas evangélicas. Em seguida procura-se compreender porque isso acontece.

### **3.1.2 Experiência das mulheres nas igrejas evangélicas**

O campo religioso brasileiro vem sofrendo modificações e uma delas é o crescimento do número de evangélicos. Interessante é que grande parte desse público é de mulheres. “Os evangélicos encontram-se entre os grupos religiosos que apresentam as maiores taxas de fiéis do sexo feminino”. (MACHADO, 1999). As igrejas com maior número de mulheres são: Universal do Reino de Deus, Evangelho Quadrangular e Deus é Amor. Todas estas igrejas aparecem nas entrevistas com as participantes da pesquisa.

Segundo a pesquisadora, a motivação pela qual homens e mulheres buscam as igrejas evangélicas é distinta. Os homens as procuram devido a dificuldades financeiras e problemas pessoais na área da saúde, enquanto as mulheres o fazem com o objetivo de resolver problemas familiares, necessidades materiais e espirituais da vida e da esfera doméstica.

As mulheres entrevistadas confirmam essas características do gênero feminino. Expressam que procuram a Deus e às igrejas nos momentos de tristeza, depressão, solidão, desespero, dificuldades na família, ou seja, buscam apoio e solução para os seus problemas.

As igrejas evangélicas trabalham com os sentimentos, com o estado emocional das pessoas. Acolhem, escutam e atribuem os males ao diabo, que é combatido praticamente em todas as orações. E as mulheres parecem se identificar com essa forma de atendimento e acolhimento. Segundo (MACHADO, 1999): “A doutrina pentecostal enfatiza os valores associados à subjetividade feminina”. Nessas igrejas é abordado o tema das relações familiares, que muitas vezes são a origem do conflito que as mulheres vivem. Orientam e motivam os homens a se envolverem e comprometerem mais com as questões familiares como, por exemplo, com o acompanhamento das filhas e dos filhos, criando, assim, a possibilidade de melhoramento nas relações familiares e diminuindo a assimetria que há entre homens e mulheres. “O pentecostalismo combate a identidade masculina predominante na sociedade brasileira estimulando os que aderem ao movimento a serem mais dóceis, tolerantes, carinhosos e cuidadosos”. (MACHADO, 1999).

As igrejas evangélicas, além de darem atenção às questões do dia a dia das pessoas, aconselham e motivam os fiéis a reverem suas formas de conduta.

Os(as) evangélicos(as) entendem que a leitura bíblica é lateral. A articulação da Palavra de Deus com a vida conduz a uma sacralização do cotidiano. Eles não separam a vida espiritual das ‘coisas do mundo’, por isso se envolvem nas questões políticas, como, por exemplo, o apoio a candidatos(as) das igrejas. As mulheres em situação de prostituição também não separam a fé e a vida. Pode haver algum entrave com relação à participação nas igrejas, mas não na relação com o divino.

Essa forma de orientar os(as) fiéis estimula o processo de autonomização das mulheres diante de companheiros e filhos. As mulheres parecem ser mais valorizadas. Ser do sexo feminino não as impede de assumir ministérios na igreja, de participar das suas atividades públicas como trabalhos voluntários nos presídios, hospitais, visitas e estudos bíblicos com as famílias, programas religiosos televisivos e radiofônicos. Além disso, nas últimas décadas as mulheres têm se dedicado à militância política em prol de candidatos das igrejas.

Mesmo que as mulheres em situação de prostituição não demonstrem envolvimento, compromisso de participação nas igrejas evangélicas, por sentirem o peso do estigma, da discriminação e do preconceito, parece que se identificam com a forma como as mulheres são tratadas nessas igrejas. As pessoas que estão em situação não compatível para assumir ministérios, por possuir vícios, por exemplo, são convidadas a converterem-se e regulamentar sua situação e se tornarem aptas a se constituírem membros destas igrejas. Após a conversão, são convidadas a dar seu testemunho de superação. As igrejas costumam apresentar, durante

os cultos, depoimentos de superação de vícios, de pobreza, de desemprego, de cura de doenças e esses depoimentos são motivadores e mantêm viva a esperança dos(as) fiéis.

Outro fator que também pode influenciar a participação, na igreja, das mulheres em situação de prostituição, é a forte participação de outras mulheres. As mulheres pregam, visitam, escutam, orientam espiritualmente as pessoas que as procuram e atuam ativamente durante os cultos. A assembleia tem acesso ao microfone para prestar seus depoimentos e participar. As mulheres são reconhecidas e valorizadas nas celebrações.

A Igreja Universal do Reino de Deus, da qual a maioria das mulheres entrevistadas participa ou já participou, prega a Teologia da Prosperidade<sup>12</sup>. Coloca-se como mediadora dos poderes divinos para resolver os problemas dos fiéis. Ela organiza e racionaliza ofertas de serviços religiosos. Propõe atendimento especializado para problemas específicos como soluções sobrenaturais para quem deseja prosperidade, cura física para problemas familiares e afetivos, exorcismo de demônios e adoração ao Espírito Santo. Enfoca a luta contra o diabo. “Ao prometer solução para todos os males terrenos, a igreja funciona como verdadeiro ‘pronto-socorro espiritual’” (MARIANO, 1999, p.59). É comum ouvir das mulheres que estão em situação de prostituição suas experiências de participação na Igreja Universal. Buscam-na em momentos em que estão ‘no fundo do poço’. Por pregar a Teologia da Prosperidade, esta igreja dá esperança, promete solução para os problemas da vida através da fé, da oração, de rituais de libertação, do pagamento de dízimos e ofertas. A igreja tem uma forma de atender bem os(as) participantes, valorizando individualmente cada um(a). Toca na realidade dos(as) fiéis de forma que saem com uma mensagem de esperança. A participação nas igrejas evangélicas provoca nas mulheres desejo de mudança de vida. Dá esperança e força para enfrentar os desafios da vida. As mulheres usuárias de drogas costumam procurar as igrejas com o objetivo de deixar os vícios e, se não conseguem, acreditam ser porque a participação não foi assídua. Acreditam que, se participarem como a igreja orienta, conseguem sair das drogas assim como qualquer outra mudança de vida.

---

<sup>12</sup> A Teologia da Prosperidade surgiu nos Estados Unidos com o líder Kenneth Hagin, na década de 1940, mas se constituiu como movimento doutrinário nos anos de 1970. Esse é um movimento de confissão positiva que se refere à crença de que os cristãos detêm poder prometido nas escrituras e adquirido pelo sacrifício de Jesus. O paraíso terrestre futuro é transportado para o terrestre presente. Prega que a pessoa deve se alimentar bem, vestir bem, possuir riquezas, não adoecer e que, para ter uma boa morte.

### 3.1.3 A experiência das mulheres na Igreja Católica

A Igreja Católica é uma instituição heterogênea e complexa. Nela há várias tendências vindas da diversidade social, política, cultural e espiritual. Há alas mais conservadoras e alas mais comprometidas com as lutas sociais. “[...] Temos de distinguir entre a Igreja Católica como instituição, com suas estruturas de poder eclesiástico e como comunidade de fiéis, ou povo de Deus...”. (SOUZA, 2004). No Brasil a igreja ainda tem um forte compromisso social, mas não se pode esquecer que nas décadas anteriores esse compromisso foi mais intenso do que atualmente.

A tendência da Igreja Católica mais divulgada é a conservadora, de moral rígida, que lida mal com os temas relacionados à sexualidade, dentre os quais, a prostituição.

Das dez mulheres entrevistadas, seis disseram ser católicas. Algumas, a maioria, afirmam ter sido batizadas, vivido determinado tempo na igreja e atualmente são evangélicas. Outras afirmam que continuam católicas.

Analisando os relatos das entrevistadas e até mesmo as suas reações durante as entrevistas, nota-se que as mulheres não assumem com orgulho que são católicas. Expressam com certa timidez a sua religião. Quanto à participação, nenhuma tem uma frequência assídua. Elas vão à igreja para fazer orações, mas de preferência fora dos horários de missas. O objetivo é encontrar com Deus, sem compromisso de encontrar com a comunidade.

Observando-se a forma de acolhida aos(as) fiéis na Igreja Católica, principalmente nos grandes templos, constata-se uma relação muito distante dos(as) líderes com os(as) fiéis, exceto com quem é membro ativo da comunidade, aquelas e aqueles que assumem serviços, colaboram nas equipes e pastorais. As pessoas que vão para as celebrações ou entram nos templos para fazer orações, praticamente não são notadas. As pregações dos padres ou ministros muitas vezes são discursos teológicos, com linguagem inacessível à maioria dos(as) fiéis. Poucos conseguem tocar nos assuntos cotidianos das pessoas e falta em muitos, emoção na transmissão da mensagem. A missa ou outras celebrações da Igreja Católica possuem uma estrutura, um roteiro definido, variando apenas os conteúdos que se tornam repetitivos para quem não conhece o sentido, que habitualmente não é explicado e ensinado. A participação dos(as) fiéis é passiva ou seja, há leve interação entre a equipe litúrgica que prepara as celebrações, e a assembleia. Embora a participação de mulheres na Igreja Católica ainda seja mais forte do que a de homens, elas raramente presidem celebrações, aconselham e orientam.

A participação delas ainda é de auxiliares, no nível de execução de serviços. As missas são presididas somente pelo padre, uma autoridade masculina.

Essas observações parecem apontar para a resposta de uma das questões da pesquisa: o porquê as mulheres em situação de prostituição frequentam mais as igrejas evangélicas. Parece que as mulheres que ainda continuam na Igreja Católica, não estão aí pela igreja, mas por Deus e pela tradição. A igreja não faz tanta diferença.

A impressão que se tem é que as mulheres não se sentem representadas na Igreja Católica. E a posição da Igreja Católica com relação aos temas relacionados à sexualidade parece distanciar as mulheres, principalmente aquelas que se sentem em situação “irregular” perante as normas e moral da igreja.

Embora a Igreja Católica mantenha uma teoria que afirma igualdade entre homens e mulheres, na prática isso não acontece.

A relação das igrejas com as mulheres tem a ver com a interpretação do cristianismo, mas esse tema será aprofundado no quarto capítulo.

### **3.1.4 Experiência religiosa das mulheres**

Todas as mulheres entrevistadas falaram da experiência em uma religião, embora nem todas afirmassem ter religião atualmente.

A realidade em que vivem as mulheres em situação de prostituição não permite a efetivação da esperança desejada, pois encontram barreiras de todas as espécies como: pobreza, preconceito, discriminação, machismo. Por isso a esperança é envolvida em uma espécie de aspiração religiosa em que Deus aparece como aliado na concretização dessa esperança. “Muitas vezes a tradição religiosa herdada é reproduzida nas periferias das cidades, independentemente de uma vinculação oficial a um credo religioso. A esperança religiosa é também parte da cultura da pobreza”.(GEBARA, 2000, p.60) A busca pela religião não parece tanto ser devida à realidade da prostituição, porque ao entrevistá-las percebe-se uma certa timidez ao falar em religião e prostituição. Parece que essa busca se dá mais devido à pobreza. Como lhes falta praticamente tudo, desde as necessidades básicas às referências humanas, a religião é referência, apoio, força e lhes dá o poder que nunca tiveram. Como diz Ivone Gebara: “A religião tem uma força extremamente significativa. Ela compõe o quadro de busca de saídas melhores, ela é horizonte de apoio para a realização das esperanças, ela é o



referencial para um mundo melhor, um sustento psicológico para evitar um colapso maior”.(GEBARA, 2000, p. 62)

Além da pobreza, outro fator que pode contribuir para a fragilidade das mulheres e reforçar a falta de referência, é o fato de serem migrantes, característica própria das mulheres que estão na prostituição. A maioria das mulheres entrevistadas não é de Belo Horizonte. Não sendo do local, a falta de referência é ainda maior e a religião pode ser um meio de apoio na solidão.

As mulheres costumam se apegar à religião quando desejam mudar de vida, como por exemplo, deixar a droga. Acontece de buscarem a religião em vez de utilizar os recursos de tratamento da saúde. Ivone Gebara acredita que a religião pode ter papéis contraditórios: “[...] por um lado sustenta a fraqueza a partir de suas promessas, e por outro mantém a dependência dos ‘poderes de cima’”. (GEBARA, 2000, p.64) Além da dependência, pode ser prejudicial também quando gera alienação e não impulsiona para a libertação. Dependendo da denominação religiosa, pode reforçar a culpa e dificultar a vivência da dignidade de ser mulher.

Embora a religião tenha características patriarcais ela ainda aparece como força positiva na vida das mulheres. Mas as mulheres, geralmente, têm um jeito de se relacionar com Deus, com o sagrado independente de religião.

### **3.2 Experiência e busca de Deus**

A manifestação de Deus na vida das mulheres vai além da religião, da participação nas igrejas. As religiões parecem ser agenciadoras privilegiadas da Revelação de Deus, mas não suas detentoras. Nos momentos de desespero, de angustia, medo, depressão, solidão, tristeza, problemas de saúde, financeiros e conflitos familiares a fé é fundamental, sustenta, dá sentido ao sofrimento e esperança para superá-lo. “Na experiência religiosa das mulheres elas geralmente identificam seus sofrimentos com os sofrimentos de Jesus” (GEBARA, 2000, 226). Deus, para elas, é uma relação na vivência, no cotidiano das ocupações e preocupações femininas.

A comunicação, a sintonia com Deus, em grande parte, não passam pela via das igrejas e nem das religiões. Cada uma se comunica, entra em contato com o sagrado do seu jeito. Fazem isso em momentos e situações precisas: através de orações enquanto arrumam o quarto

do hotel para atender os clientes, quando acendem velas para Deus, nos momentos de perigo, sofrimentos alegrias e agradecimentos.

A religião, a fé e a espiritualidade, a mulher as vive a partir do ser mulher, que tem como característica uma sensibilidade para a defesa da vida. “A mulher tem uma forte vinculação com tudo o que significa defesa da vida”(LAPIEDRA, 1990). Nesta defesa da vida, em primeiro lugar, está a família.

Consuelo Del Prado ressalta três aspectos da espiritualidade feminina: o sofrimento, a fortaleza, a ação de graças. As mulheres entrevistadas e atendidas pela Pastoral vivem em contexto de violência familiar, problemas com os(as) filhos(as), pobreza, doença, vícios, violência na vida de prostituição. “As mulheres invocam a Deus para conseguir suas necessidades básicas [...]”(GEBARA, 2000, p. 208). A fé em Deus ajuda a superar o sofrimento e dá forças para continuar a vida. Sabem também agradecer pelos pequenos êxitos de suas vidas, tais como manifestações de atenção recebidas e outras pequenas conquistas.

A maioria das mulheres entrevistadas disse experimentar Deus como força, acolhida, misericórdia, proteção, saúde, amor, compreensão e poder. Parecem estar convencidas de que Deus quer o bem delas. Deus é o recurso primeiro para quem se sente desamparada. É com Ele que elas contam nos momentos difíceis. “A referência maior é Deus, único capaz de entender nossos sonhos porque ele sabe o que nós precisamos”.(GEBARA, 2000, p.79).

As mulheres expressaram que buscam Deus nos momentos difíceis da vida como: doença, depressão, desespero, medo solidão, tristeza e problemas na família. Mas também para agradecer e nos momentos de alegria. A palavra força aparece muito nas entrevistas.

Ao mesmo tempo em que há uma confiança, há também uma dúvida, como relata uma entrevistada. Ela sente que Deus faz distinção de pessoas, ajuda quem Ele quer. A pobreza, o sofrimento, o desamparo levam à sensação de que Deus também a abandona. “Algumas mulheres só não entendem bem porque Ele [Deus] não muda logo as situações difíceis. (GEBARA, 2000, p. 79).

Para as mulheres em situação de prostituição, Deus garante o que se busca. Onde falta referência da família, de filhos, da sociedade, Deus se torna a única referência e esperança.

Como a vida é precária, há necessidade de se ter aliados fortes de outra esfera da vida, seres especiais, não identificados com a pobreza, com a prostituição e a falta de poder, mas seres que vivem num mundo diferente do delas, que possuem a força que elas não possuem. As entrevistadas demonstram confiança em Deus por sentir que Ele é amor e misericórdia.

### 3.2.1 A imagem de Deus

Ao expressarem suas experiências de Deus, as mulheres revelam a imagem que fazem Dele em suas vidas: força, poder, Deus maior, um homem que está no céu, senhor lá de cima. Essas expressões apresentam a imagem de um Deus masculino e distante do ser humano. Essa é a imagem de Deus veiculada pela cultura cristã e é uma imagem herdada do monoteísmo judeu. Esta “[...] foi sem dúvida, uma imagem plural, mas tratava-se de uma pluralidade de rosto masculino [...]”.(GEBARA, 2000, 226). Mas por outro lado, as demais expressões como: protetor, misericórdia, acolhida, compreensão, saúde, amor, apresentam um Deus com características femininas, materno e próximo.

Embora as mulheres se sintam frágeis, e por isso estejam sempre pedindo forças, essas “forças que vêm do alto’ são um pouco a imagem e semelhança da definição social que a sociedade patriarcal atribui às mulheres”. (GEBARA, 2000, p. 99) A autora continua dizendo que as mulheres são força para os outros. Parecem confiar nas forças que são semelhantes às suas próprias forças. As mulheres em situação de prostituição são extremamente fortes pois mesmo com históricos de vida que comportam violência e abandono, elas mantêm viva a fé e a esperança.

### 3.2.2 Deus: suporte e esperança

Percebe-se que a mulher tem uma tradição religiosa herdada, mas que não determina sua forma de se relacionar com Deus. “Nenhum Santo ou Santa, nem mesmo Jesus é modelo a ser seguido ou imitado”.(GEBARA, 2000, p. 61) Esses servem para dar força nos momentos difíceis, para ser suporte e esperança. Esses aliados têm, para elas, o poder e a força que elas não possuem.

Todas as mulheres entrevistadas têm Deus como uma força extremamente significativa. Deus é reconhecido como recurso último nos momentos em que se sentem desprotegidas, abandonadas. Nas entrevistas essa questão é expressa com muita confiança. Deus aparece como: força, acolhida, poder, saúde, amor, compreensão, misericórdia, proteção, salvador, perdão, refúgio, apoio e confiança. Essa relação com Deus não é coletiva e sim individual e pessoal. Sua máxima expansão atinge apenas as questões familiares e as

colegas que também estão na prostituição. Os pedidos são voltados para as necessidades pessoais e familiares urgentes, ou seja, não ultrapassam a esfera do mundo doméstico. As petições, por exemplo, não abrangem pedidos por mais justiça social, ou para que as forças governamentais atuem em favor do povo. “Os pedidos são de pessoa a ‘santo’ ou de pessoa a Deus e têm a ver com as necessidades pessoais e familiares imediatistas”. (GEBARA, 2000, p.63) É central o problema da mulher, a dor, a angústia, o sofrimento, que talvez não sejam tanto consequências da prostituição, mas da pobreza em que vivem as mulheres.

Nas entrevistas aparecem também dúvidas quanto a Deus. Algumas mulheres parece não entenderem porque Ele não muda as suas vidas. Chegam a acreditar que Deus faz distinção de pessoas, ajuda quem Ele quer. Essa é uma relação com Deus interessante porque, ao mesmo tempo em que Deus é conforto, apoio e esperança, há momentos também de desconfiança para com Ele. O movimento da fé tem seus altos e baixos. Mas no caso das mulheres pode estar ligado à própria história de cada uma delas. Muitas viveram experiências em que lhes foram retiradas todas as suas referências. Assim, fica até difícil acreditar que Deus é bom, justo, se a mulher sente que foi sempre injustiçada.

Percebe-se que entre as mulheres em situação de prostituição há muitos distúrbios psíquicos, como depressões graves e a confiança em Deus tem sido suporte para evitar maior desenvolvimento das doenças. Elas têm encontrado forças através da fé em Deus. “A busca de saídas a partir do universo religioso encontra em parte alguma explicação, sobretudo diante da fragilização pessoal e social vivida pela maioria dessas mulheres”. (GEBARA, 2000, 88) Muitas vezes a angústia, o sofrimento existencial, a história de cada uma ou o sofrimento causado pela própria prostituição manifesta-se como distúrbio de comportamento das mulheres, e às vezes a única saída é se apegar a Deus.

Diante da história de maus tratos, discriminação e preconceitos que vivem, Deus é o único a acolher e a manter a esperança e a motivação para a superação dos problemas. Para quem se sente abandonada e desprotegida, Deus é o primeiro e último recurso. É com quem elas podem contar porque O consideram bom, justo, e misericordioso.

### **3.3 Dignidade e a autoestima**

O fortalecimento da autoestima das mulheres em situação de prostituição é um elemento fundamental para a sobrevivência. A prostituição abala a dignidade, a identidade

feminina, afetando a autoestima que, na maioria das mulheres, já era baixa. “Os sentimentos de dignidade e autoestima são requisitos básicos na luta para melhora de vida, não apenas individual, para a ascensão social, mas até mesmo para motivar maior participação política”.(MARIZ, 1994). O fortalecimento da autoestima amplia as possibilidades de as mulheres desenvolverem atividades fora da prostituição, possibilita participar de redes de sociabilidade, favorecendo, conseqüentemente, a individuação feminina. Percebe-se, entre as mulheres pesquisadas, que a partir do momento em que a autoestima é fortalecida, elas sentem que são capazes de ter uma profissão e vivenciar outras dimensões da vida que até então era toda voltada para a prostituição.

A participação nas igrejas evangélicas, a religião, parecem desenvolver na mulher a autovalorização, o sentir-se importante, reconhecida, amada, digna diante de Deus e das pessoas. Ser evangélico(a) tem uma conotação de superação, conversão, pessoa justa, fiel e honesta, valores estes que talvez o estigma da prostituição apague. Com a participação nas igrejas elas resgatam esses valores.

Ouvindo as mulheres que participam das igrejas verifica-se crescimento na autoestima, que às vezes é temporária, porque os problemas não são resolvidos como acreditam que deveriam ser, e muitas retrocedem a partir do momento que não alcançam os objetivos. Mas a esperança e o desejo de superação de vícios e autodomínio prevalecem enquanto estão envolvidas com a religião. Adquirem mais força para administrar o cotidiano da vida.

No discurso dos evangélicos a fé e a vida são integradas e a religião deve modificar o cotidiano do(a) fiel. Incentivam as pessoas a mudarem de vida, motivam para a superação dos problemas e procuram manter viva a esperança de que o irão conseguir. “Entre os pentecostais, a união do cotidiano e religião se revela na procura de uma mudança de estilo de vida e moralidade individual, que é sustentada por um isolamento em comunidade”.(MARIZ, 1988). Enquanto estão participando das igrejas, as mulheres em situação de prostituição sentem-se animadas, valorizadas e capazes de superar seus problemas.

### **3.3.1 Família**

As entrevistas, observações e escutas às mulheres levam a perceber que a família é um tema relevante em suas vidas. Para a maioria delas, o motivo de estarem na prostituição é a necessidade, geralmente a sobrevivência da família, que está em primeiro lugar. Elas saem de

suas cidades em busca de melhor qualidade de vida para si e seus familiares. É comum deixarem os filhos com parentes próximos e enviar dinheiro para sustentá-los e também para ajudar pais e irmãos em suas cidades de origem.

Ao sair, carregam as famílias no pensamento e na responsabilidade de ajudar. Ao falar das mulheres nordestinas, Ivone Gebara chama essas saídas de mobilidade.

“ [...] uma mobilidade motivada pela busca de saídas para uma vida melhor [...] sair do lugar, mudar de cidade, de casa [...] fugir porque não se aguenta mais é o comportamento mais comum de um significativo número de mulheres”. (GEBARA, 2000, p. 19).

As mulheres que possuem família não vivem uma fé intimista e sim relacional e prática. Elas têm compromisso espiritual e humano com a família, costumam trazê-la nas orações, principalmente os(as) filhos(as). Observando um grupo de mulheres durante um momento de oração na sede da Pastoral da Mulher, percebia-se claramente a sintonia delas com a família. Uma rezava pela filha que está sendo criada pelo irmão, outra pela filha que lhe foi retirada para adoção. Mesmo sabendo que não irá vê-la mais, carrega-a no coração e na lembrança.

A questão do cuidado, que é próprio da mulher, continua existindo, em muitas delas, à distância.

As saídas de seus lugares de origem acontecem devido à pobreza e à violência.

Nas entrevistas aparecem relatos de violência na família. A maioria das mulheres em situação de prostituição teve experiências negativas na família e para algumas delas, sua saída de casa, da cidade, talvez tenha sido para fugir aos sofrimentos.

### **3.3.2 Economia e autossustento**

As estruturas econômicas, sociais e culturais atuais não possibilitam a concretização dos sonhos da maioria dos indivíduos, principalmente dos menos favorecidos, dentre os(as) quais, as mulheres em situação de prostituição. “[...] a pobreza é causa de muitos males e impede uma vida mais feliz”.(GEBARA, 2000, p.43). A pobreza, em muitos casos, é o motivo pelo qual as mulheres ingressam na prostituição. Fazem esta escolha em busca do sustento

para si e para a família. Uma das mulheres atendidas dizia que entrou na prostituição porque viu sua irmã morrer de fome.

Porém muitas mulheres não conseguem administrar o dinheiro que ganham. Parece que por ser um dinheiro que entra rápido, sai da mesma forma. Esta maneira de lidar com o dinheiro parece se refletir no modo de viver a fé. Buscam as igrejas onde acreditam resolver seus problemas de imediato, doando ofertas e pagando o dízimo. Procuram as igrejas onde se “compram” milagres.

Outro fator interessante é que muitas mulheres demonstram preconceito pelo dinheiro adquirido na prostituição. Dizia uma mulher atendida pela Pastoral que o dinheiro que ela ganha lavando roupas rende mais do que o que ganha fazendo programas. Costumam dizer que esse dinheiro não é abençoado por Deus, pois é um “dinheiro sujo”. Parecem viver uma espécie de dualidade interior: o dinheiro da prostituição “liberta” da pobreza, mas não é “digno”.

A maioria das mulheres sustenta as famílias com o dinheiro da prostituição, mas não revelam a origem desse dinheiro. Dizem para as famílias que trabalham em restaurantes, fabricas de roupas, e outros serviços. Quando falam desse assunto, percebe-se que sentem certo constrangimento e culpa por sentir que estão mentindo.

### **3.3.3 Autopreservação e individualidade**

Analisando os dados colhidos para essa pesquisa tem-se a impressão de que há uma identificação com o modo de as mulheres se relacionarem com as coisas e o modo de viverem a fé. Parece ser importante tentar aprofundar estas suspeitas.

A prostituição leva as mulheres a viverem no anonimato e na autopreservação.

As mulheres costumam usar nomes fictícios, não falam para as suas famílias que exercem a prostituição e temem ser reconhecidas nos hotéis e praça, por pessoas conhecidas e amigas. O mesmo acontece com a sua participação nas igrejas: cobram pelo “produto”, mas não há necessidade de identificar-se e não há compromisso com a comunidade. A individualidade também é típica da prostituição. As mulheres disputam entre si clientes e pontos de encontros com clientes e isso dificulta a organização entre elas para reivindicarem melhores condições de vida na prostituição. Isso não isenta gestos de solidariedade entre elas.

Para fundamentar minha pesquisa, visitei os templos das igrejas Universal do Reino de Deus e Deus é Amor com o objetivo de perceber como elas atuam com seus participantes e

tentar entender porque as mulheres em situação de prostituição se identificam com estas igrejas.

Na Igreja Universal observei que está situada em locais de fácil acesso da população, isto é, em ruas e avenidas onde há facilidade de transporte público e estacionamento próprio. Na entrada do templo há uma equipe de acolhida que atua acolhendo e orientando os(as) participantes. O interior da igreja é equipado com poltronas confortáveis, boa qualidade acústica e o culto é dinâmico, ou seja, os(as) participantes locomovem-se para depositar no altar sonhos escritos, ofertas e dízimo, cantam louvando a Deus erguendo os braços, simulam pisar no diabo usando os pés, ou seja, utilizam o corpo na oração e louvor. Durante o culto são utilizados símbolos como: azeite com perfume que, após ser abençoado, é usado pelos participantes para ungirem membros do corpo e pertences pessoais como carteiras, bolsas, pés ou sola dos sapatos na esperança de superar os problemas de saúde, financeiros, conflitos familiares ou qualquer problema existente no momento. Os(as) participantes são motivados(as) a doarem a cédula de maior valor que tiverem na carteira, como também carros, imóveis e objetos de valor. A igreja promove “correntes ou campanhas de oração durante sete e/ou nove dias, as insistentes doutrinações sobre a fidelidade ao pagamento do dízimo, assim como os ritos de exorcismo às sextas-feiras [...]” (MARIANO, 1999, p.42), Quanto maior o valor doado maior é o milagre concedido por Deus. E no final são prestados depoimentos de superação de dificuldades financeiras por participantes do culto.

As mulheres que vivem em condições de exclusão e marginalidade, ao se verem em um espaço luxuoso, confortável onde são bem recebidas, sentem-se valorizadas e importantes. Os depoimentos, de certa forma, dão esperança, pois fazem acreditar que a dificuldade que estão vivendo no momento é passageira e a vida irá melhorar.

Na Igreja Deus é Amor o atendimento é semelhante em termos de localização, de acolhida e dinâmica. Na entrada do templo visitado há água e sanitários disponíveis para todos que nele entrarem. O interior do templo não é tão confortável em termos de assentos, acústica e luxo, porém o acolhimento humano faz a diferença. Chama atenção a participação de quem atuam como pastoras e obreiras. Todas têm acesso ao microfone e é através delas que Deus se revela aos participantes. As revelações são fatos comuns na vida das pessoas, tais como conflitos familiares, doenças, acidentes, perseguições e tudo isso é atribuído ao mal. Esse mal deve ser combatido com o poder de Jesus. “O sangue de Jesus tem poder”, é uma expressão proclamada várias vezes durante o culto. Utiliza-se o gesto de expulsão do demônio do corpo, da vida das pessoas. “Queima ele, Senhor, queima”, é a palavra de ordem. Há momentos de canto, de louvor e de falar em línguas. A pastora lê uma passagem da Bíblia. A



leitura não é acompanhada de uma reflexão, um enfoque especial ou aprofundamento, mas sim de “revelações” de acontecimentos cotidianos.

Tanto na Igreja Universal do Reino de Deus como na Deus é Amor, há uma proximidade com os(as) participantes, uma interação maior deles e liberdade de expressão durante as orações. As pessoas são atendidas na sua individualidade, na sua necessidade, sem compromisso de participação e envolvimento com a igreja. De certa forma, as igrejas garantem a autorpreservação. As pessoas que frequentam estas igrejas são, em grande parte, pessoas pobres que estão vivenciando alguma situação difícil, seja na família, seja com problemas de saúde, desemprego e outros. Por isto, as mulheres em situação de prostituição se identificam com o público atendido pelas igrejas.

#### **4 ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO SOB A ÓTICA DE GÊNERO**

#### 4.1 Gênero: o que é?

Após a leitura do conjunto do material coletado procurei compreender a influência da religião na vida cotidiana das mulheres em situação de prostituição, a partir da ótica de gênero.

A palavra gênero é tomada emprestada da gramática para distinguir sexo biológico e desconstrução social do masculino e feminino. Segundo Munhoz (2010), o conceito de gênero pode ser abordado como categoria de análise, como expressão cultural, como sistema de poder ou a partir de outros enfoques. Representa um sistema de papéis e de relações entre homens e mulheres construídos pelo contexto social, cultural, político, econômico e religioso. Diferentemente do sexo biológico, que nasce com a pessoa, o gênero é construído, aprendido e repassado de gerações em gerações.

O sexo refere-se aos aspectos físicos e biológicos, de macho e fêmea, características inatas, facilmente transmutáveis, que são desenvolvidas com o passar dos tempos, de acordo com as etapas da vida.

Ao observar a vida dos homens e das mulheres na história pode-se constatar como o gênero, em uma construção sociocultural do homem e da mulher, é fortalecido ou não, conforme o passar do tempo e espaço. Essa alternância de forças ocorre especialmente com a mulher e nas instâncias política, econômica e religiosa. A partir das diferenças sexuais a sociedade elabora ideias e regras do que é ser homem e ser mulher.

Gênero é um conceito que vai além do relacionamento masculino/feminino. Ele se refere também ao comportamento dos homens entre si e das mulheres umas com as outras, ou seja, compreende todas as situações em que o poder é exercido numa relação de dominação de uma pessoa sobre a outra.

As mulheres não são todas iguais, como também não o são os homens. Porém as mulheres têm em comum obstáculos, forças, experiências que as levam a se unirem como grupo em prol de suas necessidades comuns. “Gênero é um conceito relacional, ou seja, que vê um em relação ao outro e considera que estas relações são de poder e de hierarquia dos homens e das mulheres”.(MUNHOZ, 2010).

As relações de gênero são construídas a partir das diferenças sexuais. Sendo uma construção social, elas variam em cada época, lugar, costumes, cultura, de acordo com as leis,

religiões, a forma de organizar a vida familiar, política e social de cada época, no decorrer da história.

Além de as representações de gênero variarem no decorrer da história, variam também no interior de uma mesma sociedade, de acordo com a classe social, etnia, idade. Por isso há mulheres na mesma sociedade em situações tão diferentes como é o caso das mulheres em situação de prostituição. Elas são ainda mais discriminadas, oprimidas e excluídas do que as demais mulheres.

As tentativas de explicações teóricas das feministas sobre a opressão das mulheres fez surgir o conceito de gênero. Apesar de saber que existia uma construção social do ser homem e do ser mulher, faltava ainda descobrir a origem da opressão das mulheres e a relação destas com outras opressões como, por exemplo, com o capitalismo. O conceito de gênero veio responder a essa pergunta e permitir analisar, tanto as relações de gênero, quanto a construção da identidade de gênero em cada pessoa. A antropologia e a psicanálise têm trabalhado esse conceito situando a construção dessas relações na definição das identidades da mulher e do homem, como plataforma para a existência de papéis sociais diferentes e hierárquicos.

Atualmente o conceito de gênero é usado pelos diversos grupos feministas e por setores do meio acadêmico e revolucionou a discussão teórica do tema das relações. Colaborou para o rompimento de dicotomias antes existentes: geral/específico, público/privado/, produção/reprodução porque procura entender como as relações de gênero formatam as práticas sociais nas várias esferas. Ajuda a trabalhar generalizações e particularidades e a detectar o significado de gênero na sociedade em geral, tanto na experiência individual quanto na experiência em grupo.

Da mesma forma que mulheres e homens possuem diferenças sexuais biologicamente determinadas, deles(as) são exigidos e impostos papéis, modo de interagir como mulher e homem, que são modelados pela história, ideologia, cultura, religião, contexto político, que vão sendo transmitidos principalmente através da família, pelo sistema de educação, religião e meios de comunicação. Em cada sociedade as características femininas são diferentes e variadas.

Como nesta pesquisa trato de religião, o próximo item a ser abordado é como as relações de gênero são presentes na religião e, muitas vezes, de modo assimétrico.

#### **4.1.1 Gênero e religião**

A maioria das religiões possui estruturas hierárquico-patriarcais. Nessa hierarquia o homem tem o poder sobre as coisas, assim como Deus tem poder sobre tudo o que existe. “Fora da natureza e superior aos seres humanos, Deus impõe sua vontade, determina limites dos comportamentos, legisla, castiga e salva.”(GEBARA, 1997, p.79) Essa forma de compreender o poder religioso é refletido nas relações humanas. As relações sociais e construções mentais se organizam de acordo com esta estrutura fazendo com que os mais fortes dominem os mais fracos. O patriarcalismo como categoria de análise, não pode ser entendido somente como dominação binária macho/fêmea, mas como uma estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, “estrutura estratificada por gênero, raça, religião, e outras formas de dominação.”(Apud BOFF e MURARO, 2002, p. 55). Esta relação construiu relações de gênero fortemente violentas e desumanizadoras para o homem e, sobretudo para a mulher.

As religiões nunca foram isentas da violência, porque elas justificaram a violência praticada contra as mais diversas pessoas. O cristianismo histórico é um exemplo de violência, pois utilizou o sacrifício e o sofrimento para justificar a violência entre as pessoas, sendo as mulheres as mais prejudicadas.

As mulheres têm sofrido com a desigualdade nas diversas dimensões da vida e nas religiões não é diferente.

A religião na vida das mulheres parece conter um índice de contradição considerando-se que, segundo o que se percebe, as mensagens das religiões – sobretudo a do cristianismo que é garantir os valores fundamentais da existência na vivência humana – têm criado formas de cumplicidade com a violência social, já que uma parte do sofrimento das mulheres tem origem na tradição cristã.

Os valores e as virtudes propostos pelo cristianismo foram vividos de forma diferente pelos homens e pelas mulheres nas distintas culturas, e não só entre homens e mulheres, mas entre distintas categorias de mulheres.

As mulheres em situação de prostituição carregam, além do estigma, o peso do pecado, da culpa por sentir que estão praticando algo que não é de Deus, como costumam expressar. A religião institucional, ao invés de expressar valores e virtudes, torna-se expressão de opressão e humilhação para as mulheres, por acentuar a questão do pecado. A culpa sentida pela mulher desvaloriza a sua sexualidade

Os símbolos antropológicos do cristianismo são masculinos. Aos cristãos “convém imitar a vida de Jesus, dos apóstolos, ser perfeito como Deus Pai [...] os símbolos do amor e

de poder são sempre símbolos masculinos”. (GEBARA, 2000, p. 157). A orientação é a de obedecer a padres, bispo, pastores, papa, figuras masculinas vinculadas ao poder e não à ternura e ao amor. Esse é também outro ponto da assimetria e desigualdade, pois eleva o poder dos homens.

#### **4.2 A influência de Eva e de Maria para as mulheres cristãs**

A doutrina cristã está sendo estudada por várias autoras que têm procurado explorar a ambiguidade das representações dos homens e mulheres, sobretudo a dualidade simbólica de Eva e Maria. Tem-se mencionado a forte influência do modelo mariano de castidade, pureza e bondade na construção do gênero feminino no Ocidente.

As imagens de Eva e Maria no cristianismo são figuras paradigmáticas; revelam o modo como a religião impõe às mulheres o modo de vivenciarem a sua sexualidade. A ambiguidade destas construções teológicas sustenta a repressão sexual das mulheres. Eva, por ter sido livre, tomado iniciativa, representa a perda do paraíso, enquanto “Maria simboliza a submissão, a obediência e por isso, torna-se a detentora de todas as graças divinas” (TOMITA, 2006).

O símbolo feminino no cristianismo, sobretudo no catolicismo, são as figuras de Eva e de Maria. “A figura de Maria representa ambiguidade na identidade feminina das mulheres: virgem e mãe ao mesmo tempo”.(TOMITA, 2006). O sexo, que para a mulher deveria ser motivo de orgulho, se torna motivo de desconforto e ocultamento. O corpo da mulher, que deveria ser reconhecido como templo de Deus, passa a ser um problema para ela a partir das imagens de Eva e de Maria, pregado pelo cristianismo. Eva, a pecadora, porque desobedeceu, e Maria, a Virgem mãe e redentora, que obedeceu a Deus. A obediência passa a ser considerado um valor para as mulheres.

Para algumas pesquisadoras do tema, o marianismo, o culto da superioridade espiritual feminina é um conjunto de crenças e práticas relativas à posição das mulheres na sociedade e nestas crenças as mulheres são moralmente superiores e espiritualmente mais fortes do que os homens, por isso, semidivinas. Mas essa interpretação, essa forma de acreditar, constitui uma “outra face do machismo” existente na América Latina, que é nomeado de “culto à virilidade”, e que tem como elementos principais: “a arrogância, a intransigência, a violência e a agressão sexual dos homens nas relações com as mulheres. Interpreta a pureza, a

submissão, a generosidade e a abnegação associadas às mulheres no marianismo como contraponto a estes atributos masculinos”. (MACHADO, 1996, p.120).

Essa interpretação do papel de Maria aponta-a como uma figura especial de poder ou de contrapoder das mulheres, porque nesse sentido o papel da mariologia é “moralizar papéis para os homens e mulheres cristãos”. (MACHADO, 1996, p.120). Na doutrina católica a figura de Eva é apresentada, como objeto sexual e de sedução; a figura de Maria, a mãe, como serva e/ou salvadora do sujeito sexual. Na figura de Eva as mulheres são constituídas como sexo frágil, vulneráveis à atenção, logo “seres sexualmente perigosos, ameaçando os homens de desviá-los de seu destino de perfeição espiritual. (MACHADO, 1996, p.120) Entretanto a figura de Maria enfatiza a maternidade virginal, criando condições para Maria ser vista como um ser assexuado. A partir deste modo de considerar, a natureza inferior feminina se torna um caráter benigno e a mulher passa a ter uma superioridade moral.

[...] a figura de Maria apresenta a ambiguidade da construção da identidade das mulheres: virgem e mãe ao mesmo tempo [...] ao invés de promover a igualdade entre as mulheres e homens, esse mito tem servido para impedir as mulheres de se tornarem independentes, como seres humanos integrais. (TOMITA, 2006).

Esse modelo mariano de “mulher assexuada e mãe” pode apresentar um “contrapoder maternal”, “mostrando a força do sexo frágil e a coragem de quem suporta as dores do parto, em função de sua pureza, pode salvar os filhos do chamado sexo forte” (Apud MACHADO, 1996, 120). Segundo ela, esse contrapoder feminino não interfere no sistema hierárquico que dá aos homens a posição de destaque nas esferas pública e privada. Ela acredita que esse é um dos motivos porque essa ideologia encontrou espaço na América Latina, e o estereótipo derivado do culto católico conseguiu sucesso a ponto de ter influenciado tanto as mulheres na sociedade de cultura machista.

Os mitos devem ser analisados para se descobrir suas funções sociais. “O mito de ‘Maria mãe de Deus’ teve a função de definir a mulher por sua capacidade de ser mãe, e assim, reduzir as mulheres à capacidade biológica de gerar filhos”. (TOMITA, 2006)

Ambas consideram que o mito de Eva não contribuiu para que as mulheres se tornassem autônomas, independentes como seres humanos integrais.

Na Igreja Católica o mito de Maria estabeleceu uma divisão das mulheres. Devido à história segundo a qual as mulheres não podem ser ao mesmo tempo mãe e virgem, as opções para as mulheres são, ser mãe ou freira, não havendo espaço para outra categoria de mulheres.

Na religião patriarcal há lugar somente para mulheres sem libido, sem desejos, pois o desejo é motivo de pecado, de desobediência das normas patriarcais. “Eva tinha desejos de comer do fruto proibido, de amar e ser amada, de passear com Deus pelo jardim do Édem com Adão. Seus desejos a levaram à desobediência e, por isso, foi castigada”. (TOMITA, 2006)

As pesquisadoras feministas afirmam que no cristianismo como religião patriarcal ainda é perceptível forte resquício desse sexismo no fato de as mulheres não terem representações de destaque na Igreja Católica Romana. As mulheres são a maioria de participantes nas igrejas, mas nos cargos de chefia e decisões ainda predominam os homens. De certa forma “submetem as mulheres, e estas se submetem, muitas vezes com evidente prazer, à mesma domesticidade vivida no lar. A tarefa da maioria das mulheres na igreja é, em certo sentido, o prolongamento do lar”.(GEBARA, 1987, p.23).

As mulheres de certa forma vivem à margem das grandes decisões. Parece que carregam a culpa de Eva interpretada como pecadora por ter seduzido Adão. Parece que o mito de Eva levou a mulher a assumir uma fraqueza da carne, à sensualidade, à volúpia, à tentação, ao pecado, chegando até a considerar-se como uma metade de ser humano.

#### **4.2.1 Raab e Tamar: prostitutas?**

A primeira parte da Bíblia, o Antigo Testamento, reconhece dois tipos de prostituição: a secular e a cultural. Os dois tipos envolvem transação comercial de um objeto sexual.

A prostituição secular se refere somente às mulheres e a cultural ou sagrada envolve homens e mulheres. A prostituição secular é considerada inferior “[...] e é tolerada pela estrutura da sociedade, desde que a mulher envolvida seja casada. Caso não seja, é uma prostituta, com também adúltera, devendo ser executada.” (BRENNER, 2001, p.113).

Nesta breve síntese será tratada somente a prostituição secular, a “comum”, da qual algumas mulheres foram acusadas como Raab e Tamar.

Raab é conhecida por esconder os espiões de Josué em sua casa, em Jericó e os ajudar a fugir do rei da cidade. Ela atua dessa forma pela fé e devido à sua visão política do futuro, porque os israelitas iriam invadir a cidade. (vv. 9ss)

Raab é uma mulher que tem sua própria casa, não é casada e age como protetora da família. O texto a apresenta como uma mulher perspicaz, inteligente, corajosa, com forte instinto de sobrevivência.

Segundo Athalya Brenner, não se sabe qual era a ocupação de Raab, mas o texto afirma sempre que ela era prostituta. Ela acredita que Raab não é um exemplo representativo de sua profissão ou então o Antigo Testamento reconhece que prostitutas podem ser inteligentes e perceptivas.

Tamar finge ser uma prostituta para ter um filho em Judá, para preservar o nome do marido morto e libertar-se da posição de viúva à espera.

A história de Tamar, no livro do Gênesis, contém características de uma prostituta: ela se expõe em lugares públicos, cobre o rosto para ser reconhecida pelo seu traje, presta serviços até ao patriarca após o falecimento de sua mulher. Entre ela e o patriarca fazia transações e negócios. Judá deixa um pertence com ela, mas não tem coragem de voltar para reaver; manda um amigo procurar a prostituta e este não a encontra. Judá pronuncia sentença de morte a Tamar.

Tamar é uma mulher descrita como prostituta (Gn 38, 15. 24) e também é considerada hierodula (Gn 38, 21-22). A mulher era considerada hierodula por uma prática proibida, mas a mulher que trai o marido também é chamada de prostituta, pois se “afasta” do marido legal.

Essas duas mulheres são consideradas prostitutas por romperem esquemas, transgredirem regras estabelecidas. Suas histórias, contadas sob esse enfoque, talvez sejam usadas como uma justificativa para os homens conterem as suas mulheres e exigirem obediência, fundamentados nestas personagens bíblicas.

#### **4.2.2 Maria Madalena, a mulher que ungiu Jesus**

O cristianismo, mesmo sendo centrado na proposta libertadora de Jesus, não era unânime no modo de pensar de seus membros, devido às diferenças culturais e sociais dos que a ele aderiram.

O movimento de Jesus surgiu em um contexto conflituoso da Palestina. A partir do ano 63 a.C. quando houve invasão do exército romano na Palestina, a maior parte da população tornava-se pobre e pagava altos tributos. “A vida das mulheres na sociedade palestinese era pior que a da maioria das pessoas excluídas: não lhes era permitido participar ativamente da vida social e religiosa [...]” (MUNHOZ, 2008, p.195). Conforme o costume da época, viviam restritas ao ambiente doméstico. No templo de Jerusalém e nas sinagogas



ficavam separadas dos homens e participavam somente como ouvintes. A elas era proibido ensinar e pronunciar a bênção às refeições.

Jesus veio romper com essa organização androcêntrica e sexista da época, comportando-se de modo totalmente diferente. Sua postura com relação às mulheres era de acolhimento, compaixão e solidariedade. “Em todos os Evangelhos elas aparecem como as mais pobres entre os pobres [...]”, (MUNHOZ, 2008, p.196) a quem a Boa-nova é especialmente dirigida: por serem as mais oprimidas, elas são beneficiárias privilegiadas dos milagres.

Maria Madalena, segundo Munhoz, ocupou um lugar de destaque como a principal testemunha da fé cristã primitiva por ter sido uma líder, no entanto, séculos depois, foi e é considerada pelo cristianismo, em muitas igrejas, como a endemoniada e pecadora, que após se converter passou a seguir Jesus. Em nenhum lugar do Evangelho é dito que Maria Madalena foi uma pecadora ou prostituta. Mas segundo Moya, não há indícios positivos de que a Maria de Betânia foi a mesma “pecadora” da Galileia do Evangelho de Lucas. Maria Madalena também não é a Maria irmã de Lázaro. O Evangelho de João faz clara distinção dessas mulheres, pois o caráter delas é diferente. Houve na história uma confusão com essas mulheres.

A liturgia cristã manteve essa fusão destas personagens, as Marias, e assim, Maria Madalena foi considerada a pecadora pública que ungiu Jesus na casa de Simão, o fariseu.

Para evitar confusão, segundo Gregório Magno, unificou as três mulheres em uma só por volta do ano 541. Oferecendo a Maria Madalena como exemplo para a conversão e a busca da salvação, declarou em sua homilia [...] que esta mulher havia sido uma pecadora pública e que foi ao sepulcro de Jesus. Essa concepção foi repetida e assimilada pelas liturgias de Semana Santa e Ressurreição com muita força e popularidade durante os séculos VIII e IX. Assim, a mensageira da Boa Nova foi transformada em prostituta arrependida. (MOYA, 2008)

Essa confusão entre essas mulheres tem levado a uma imagem desvirtuada para os cristãos, especialmente os católicos, de que Maria Madalena foi uma prostituta arrependida. Mas os Evangelhos não fazem essa afirmação.

Maria Madalena se tornou mais uma figura feminina da Bíblia que colaborou para a opressão das mulheres. Sutilmente, estão por trás de sua figura as definições do que é ou não pecado e a repressão sexual das mulheres. Esta confusão pode explicar a ideia presente nas igrejas evangélicas, citada anteriormente, de como seus fiéis e suas fiéis devem regulamentar

a vida para serem membros da igreja. As igrejas evangélicas acentuam a necessidade da conversão para tornar-se seguidor de Jesus.

Por muitos anos de história Maria Madalena tem sido sinônimo de perdição, de pecado, de demônios, de arrependimento. Foi considerada o estereótipo de que o mal pode ser vencido se houver arrependimento, comprometimento e seguimento das decisões que os homens atribuem a Deus.

Pode-se concluir que houve uma má interpretação dos textos bíblicos, principalmente no que se refere às mulheres.

### **4.3 O corpo: templo de Deus**

O corpo está sendo objeto de estudo de diversas ciências e não pode ser esquecido nesta pesquisa. A relação entre homens e mulheres se dá através do corpo. É através dele que o ser humano revela o que pensa, o que faz, o que sente. Mas há diferentes níveis nessa relação, quase sempre sutis, de sexismo, dominação, discriminação e marginalização. O corpo acaba sendo “culpabilizado e penalizado pelos pecados e falhas cometidas; em nome de um bem maior ou de Deus, o corpo é maltratado, rejeitado e menosprezado”. (SILVA, 1997, p.37).

No início a teologia cristã é marcada pela imagem de um Deus que assume para si um corpo humano. No decorrer da história o corpo passou a ser combatido. De imagem de Deus, lugar dos sinais do Reino de Deus, passa a ser lugar de êxtase e de opressão. Em vez de amor, ódio. O corpo é referência para os que desprezam como para os que oprimem e para os que respeitam. Os corpos das mulheres em vez de serem reconhecidos como templos de Deus, na maioria das vezes são explorados, abusados, comercializados e considerados espaço de pecado para a moral cristã.

O corpo da mulher passou também a ser visto como meio de produção. Na prostituição, como se pode ver pelo processo histórico, o corpo era instrumentalizado como mercadoria e catalisador de lucros dos homens. O mercado domina o corpo da mulher e o explora. “As forças econômicas veem no corpo um meio de exploração e domesticação necessários ao crescimento econômico”.(SILVA, 1997, p.46). Na prostituição o corpo da mulher é utilizado como meio de produção; é um objeto completamente desprovido de dignidade.

#### **4.4 Prostituição: liberdade e autonomia ou dominação e discriminação?**

Se não for entendida a partir de uma leitura crítica das relações de gênero, a prostituição na história pode levar à impressão de que as mulheres em situação de prostituição possuem mais liberdade e autonomia do que as demais mulheres.

Desde o início da história, a que se encontra registrada, percebe-se que houve venda e compra de corpos de mulheres pelos homens. A prostituição é um comércio social pelo qual a classe masculina se apropria da feminina considerando as mulheres como objetos.

Pode-se perceber que tanto a história da prostituição como a prostituição atual demonstram que “a prostituição é uma criação do social, em momentos e épocas específicas [...]”. (NAVARRO, 2004) A prostituição é planejada, mantida e sustentada pela ideologia de que ela tem que existir para o bem da sociedade, mas essa é uma ideologia elaborada pelos homens. As destinatárias desse grande projeto social, a prostituição, são as mulheres, que vivem a opressão, discriminação e exclusão. “As mulheres sempre foram dominadas pelos homens” ( NAVARRO, 2004).

As mulheres em situação de prostituição costumam dizer que são autônomas e livres e é essa ‘autonomia’ e ‘liberdade’ que se pretende analisar neste texto.

É comum ouvir das mulheres afirmações de que elas são mais livres porque não têm patrão, atendem os clientes no dia e na hora que desejam, são elas que escolhem os clientes e não eles que as escolhem, que na relação elas são as que dominam, possuem habilidade para convencer, seduzir e lidar com as fantasias sexuais dos homens. Mas observando bem, há algo a ser analisado nestas afirmações. Em primeiro lugar, os proprietários dos hotéis são quase sempre homens que lucram por manterem ali mulheres que pagam caro para utilizar um quarto de hotel. Os gerentes são, na sua maioria, homens exigentes, rígidos e agressivos com elas. Atraso em pagamento da diária é motivo de agressividade, baixaria, xingamento e expulsão do quarto. Os clientes resistem ao uso do preservativo, humilham-nas dizendo-lhes que o dinheiro de programa é o dinheiro mais fácil que elas já ganharam na vida. As mulheres mais idosas, muitas vezes, são objeto de piada para os clientes. Dependendo da procura por quartos, as mulheres que têm preferência são as mais jovens e as consideradas bonitas.

As próprias mulheres dizem que os clientes têm preconceito delas. (NAVARRO, 2004) afirma que “Apud [...] a prostituta é um bode expiatório: o homem descarrega nela sua torpeza e a renega.”

A ideologia relativa à prostituição leva a mulher que está em situação de prostituição a acreditar que ela é mais livre e possui mais autonomia, mas na prática não é isso o que acontece. Ela sofre a violência de gênero, discriminação e é dominada pelos homens, por todo um sistema que é tecido para ela.

#### **4.4.1 Violência de gênero na prostituição**

Partindo-se de uma análise, pode-se concluir que a história se repete e nela a violência de gênero sempre esteve presente. Desde o momento em que a mulher é comercializada por homens, existe violência, dominação e discriminação.

A partir da escuta às mulheres percebe-se que muitas delas sofreram violência sexual na infância e foram abusadas sexualmente por pais, padrastos, irmãos ou outros parentes próximos. Isso leva a confirmar, mais uma vez, que a violência de gênero contra as mulheres em situação de prostituição às vezes acontece bem cedo na vida delas. “No caminho da prostituição, o abuso e o estupro estão quase sempre presentes”.(NAVARRO, 2004). Na violência de gênero a mulher sempre é a que leva desvantagem. “A mulher é a maior vítima da violência de gênero. Segundo estatísticas, em 95% dos casos de violência praticada contra a mulher, o homem é sempre o agressor”. (ARAUJO, MARTINS E SANTOS, 2004)

## **5 CONCLUSÃO**

Conclusão talvez não seja o termo ideal para intitular esta etapa da investigação, porque percebo que não estou concluindo, mas dando apenas um passo na compreensão do tema. A sensação que tenho é de ter iniciado uma investigação e despertado um pouco mais o interesse pelo estudo da prostituição e sua relação com a religião a partir da ótica das relações de gênero.

Ter ouvido a experiência religiosa das mulheres em situação de prostituição foi muito gratificante, mas também de grande responsabilidade, pois tendo constatado a relação que elas desenvolvem com Deus, com a religião, com as igrejas e percebido a interpretação que o cristianismo faz desta relação, sinto-me motivada a colaborar, retomando com elas a proposta cristã, que a meu ver, foi se perdendo durante a história. A religião cristã, que deveria ser espaço onde se vive a fé, o respeito às diferenças, o diálogo, a libertação, muitas vezes é mais um lugar de discriminação e opressão, principalmente contra as mulheres.

Esta investigação me levou a perceber que as mulheres sentem o reflexo da teologia machista que o cristianismo pregou durante os séculos, como por exemplo, a interpretação feita das personagens femininas da Bíblia. E esse talvez seja um dos motivos pelos quais elas têm receio de participar das igrejas. Mas a experiência de Deus vivenciada por elas não necessita da intermediação das igrejas. Deus é suporte nos momentos mais difíceis de suas vidas. Sentem-se acolhidas por Ele, independentemente do seu estado de vida.

Há muito a aprofundar desse tema. A relação da prostituição com a religião é complexa e vem de muitos séculos. O estudo mais aprofundado e a reflexão sobre esta relação poderão nos ajudar a compreender e respeitar o jeito de as mulheres vivenciarem a fé, como também a trabalhar sua espiritualidade nos projetos da Pastoral da Mulher, levando em consideração essa compreensão e esse respeito. Fazem-me sentir a necessidade de fazer com elas uma releitura da interpretação machista que o cristianismo impôs sobre o feminino no decorrer da história, para que possam perceber e assumir que é possível vivenciar a fé livres de preconceitos e discriminação.

### Referências

ASSOCIAÇÃO DA PASTORAL DA MULHER MARGINALIZADA. **Plano Global 2005-2015**. Belo Horizonte: APMM. 2005.

BARROS, Lúcio Alves. **Mariposas que trabalham**: uma etnografia da prostituição feminina na região central de Belo Horizonte. 2005. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/trabalhosacademicos/787456>> Acesso em 20 de janeiro de 2010.

BINGEMER, Maria Clara, **Experiência de Deus em corpo de mulher**. São Paulo: Loyola, 2002. 63p.

BINGEMER, Maria Clara, **O segredo do feminino do império**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991. 179p.

BOFF, Leonardo. **Experimentar Deus: a transcendência de todas as coisas**. Campinas: Verus, 2002. 163p.

BRENNER, Athalya. **A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2001. 211p.

BUCKER, Bárbara P. **O feminino da Igreja e o conflito**. Petrópolis: Vozes, 1996. 380p.

CECCARELLI, Paulo Roberto. **A prostituição – corpo como mercadoria**. in: *Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), dez. 2008. Disponível em: <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/aconstrucao.htm> Acesso em 18 de janeiro de 2010.

CORDUENTE, Ângela J. et al. **Situación psicosocial de la mujer prostituida**. P. 27-48. In. *La mujer marginada: cuestión de género, no sexo*. Madrid: Covrribias, 1996. 181p.

DUMAS, Benoit A. **As duas faces da Igreja**. Petrópolis: Vozes. 1997. 213p.

FARIA, Jacir de Freitas. Maria Madalena, a mulher que Jesus tanto amou!. **Convergência**, s.l: CRB, vl 36, n.346, p. 511-516, out/2001.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio**. Petrópolis: Vozes, 2000. 260p.

GEBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina**. São Paulo: Paulinas, 2000. 113p.

GEBARA, Ivone. **As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina**. Paulinas: São Paulo, 1989. 46p

GEBARA, Ivone. **Poder e não poder das mulheres**. São Paulo: Paulinas, 1991. 43p

GEBARA, Ivone. **Teologia no ritmo da mulher**. São Paulo: Paulinas, 1994. 119p

GÊNESES, in: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1973.

WILLIAMS, Ruthann. **Vá em paz**: a cura na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2001. 183p

JASPER, David. A Bíblia na arte e na literatura: fonte de inspiração para poetas e pintores. O caso de Maria Madalena. **Concilium**. Petrópolis: s.n, n 1, p. 58-75, 1995. Notas bibliográficas p. 147 Gentil Avelino Tilton (Trad)

LAPIEDRA, Aurora. Religiosidade popular e mulher andina. p. 37-55. In: BINGEMER, Maria Clara. (Org) **O rosto feminino da teologia**. Aparecida, Santuário, 1990. 160p.

LEAL, Raimundo Sousa F. Condições socioeconômicas na região metropolitana de Belo Horizonte e prática da prostituição. **Caderno de debates Plural**, Belo Horizonte, n.11, p.13-16, 1999.

MACHADO, M. D. C. Representações e relações de gênero em grupos pentecostais. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. São Paulo: Loyola, 1999. 246p.

MARIZ, Cecília Loreto. Religião e pobreza. **Comunicações do Iser**, v. 7, n.30, p.10-17, 1988.

MUNHOZ, Alzira. Feminismo e evangelização: Uma abordagem histórico-teológica à luz do conceito de evangelização das diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil. Belo Horizonte: s. n. 2008. 397p. (Tese – Doutorado em Sistemática) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

MURARO, Rose M; Boff, Leonardo. **Feminino e Masculino**: uma nova consciência para o encontro com as diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. 287p.

NAVARRO, Tânia. **Banalizar e naturalizar a prostituição**: violência social e histórica. in: Montes Claros, v. 6, n.2 - jul/dez. 2004. Disponível em: [http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista\\_v6\\_n2/word%20e%20pdf/2rev\\_cientifica\\_v6\\_n2\\_segundo\\_artigo.pdf](http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista_v6_n2/word%20e%20pdf/2rev_cientifica_v6_n2_segundo_artigo.pdf) Acesso em abril de 2010.

OLIVEIRA, Eurides Alves de. ARTIGO: Gênero e ministérios na igreja. p. 255 -262. In: SOTER. (Org) **Gênero e teologia**: interpretações e perspectivas. São Paulo, Loyola, Paulinas, Soter, 2003.

PRADO, Consuelo Del. ARTIGO: Eu sinto Deus de outro modo. P. 56-65. In: BINGEMER, Maria Clara. (Org) **O rosto feminino da teologia**. Aparecida, Santuário, 1990. 160p.



ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história:** Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. 430p.

ROESE, Anete. ARTIGO: Corporeidade no espaço relacional: interpretações a partir do Acompanhamento Pastoral Terapêutico Feminista. Pag. 285-315. In: STROLIER, DEIFELT, MUSSKOPF. (Orgs) **À flor da pele:** Ensaio sobre gênero e corporeidade. São Paulo, CEBI e SINODAL, 2004.

RUETHER, Rosemary Radford. Diferença e direitos iguais das mulheres na igreja. Mulher – Mulher. **Revista Concilium**, Rio de Janeiro, v. 238 n. 6 238, p.23- 31.

SANTIAGO, C. O.; SANTOS, E. A vida das profissionais do sexo: vontades, frustrações e sofrimento pessoal: uma experiência tumultuada. **Caderno de debates Plural**, Belo Horizonte, n.11, p.13-16, 1999.

SILVA, José Wilson Correia. **A beleza do corpo:** uma apreciação do Cântico dos Cânticos a partir do corpo. São Paulo: Paulinas, 1997. 67p.

SOUZA, Luiz Alberto Gomes de. As várias faces da Igreja Católica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.18, n.52, p.77-96, set./dez.2004.

TOMITA, Luiza Etsuko. ARTIGO: O desejo sequestrado das mulheres: desafio para a teologia feminista no século 21. Pag. 147 -166. In: SOUZA, Sandra Duarte. (Org) **Gênero e religião no Brasil**. São Paulo, Universidade Metodista de São Paulo, 2006.